

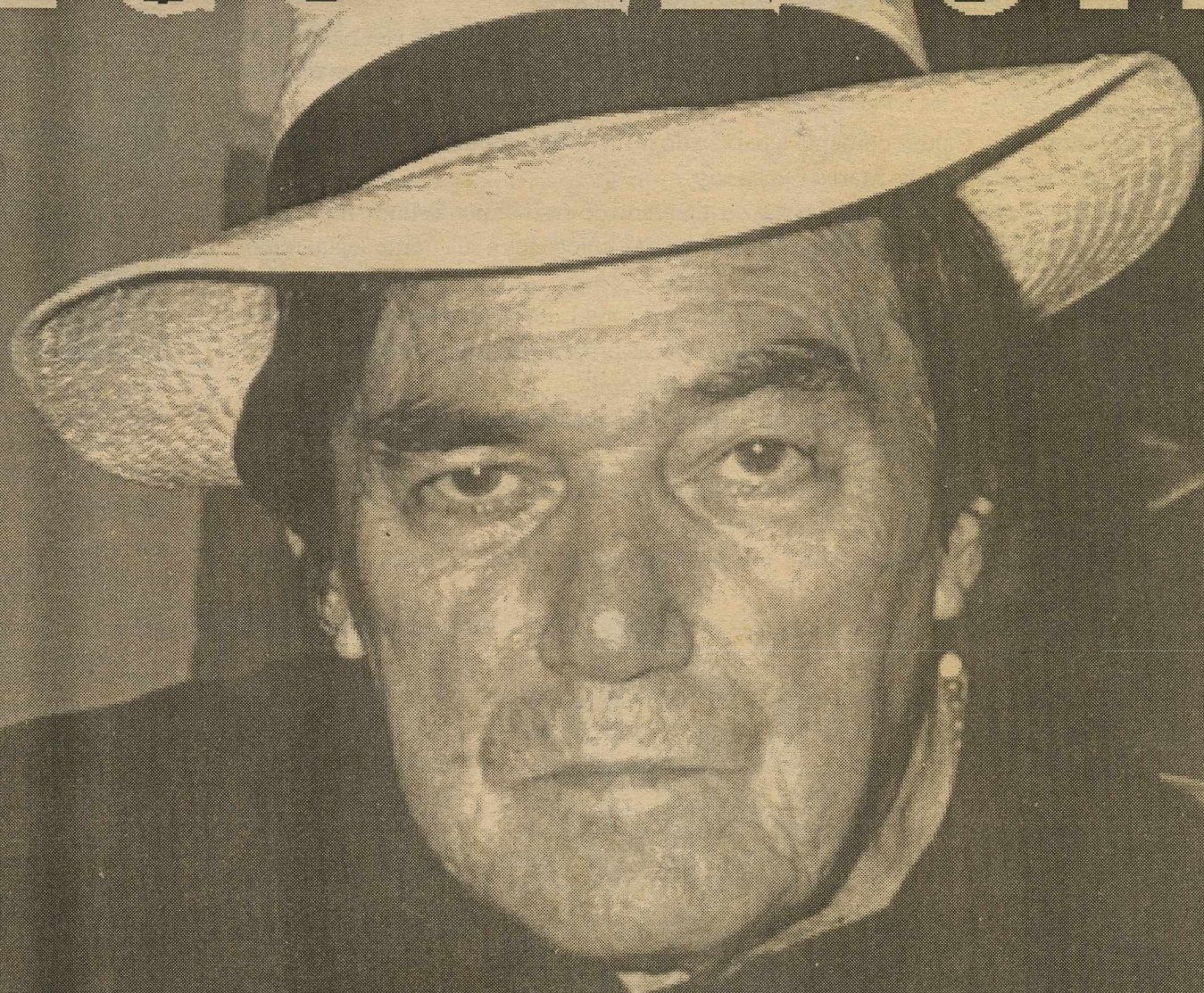
O GALO

ANO XIV - Nº 6 - Junho 2002

NATAL-RN

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

CHICO ELION



Com um álbum duplo e um *songbook* em preparação, reunindo suas principais composições, o cantor/compositor Chico Elion comemora este ano meio século de “Ranchinho de paia”, sua canção mais famosa. Em entrevista a O GALO, ele relembra acontecimentos marcantes de sua carreira, as amizades e anuncia o desejo de criar a Fundação Chico Elion, destinada a abrigar seu acervo musical e incentivar atividades culturais.

“Ranchinho de paia” e a exegese de “Ojuara”

Chico Elion é uma das lendas com que se fez e continua a se fazer a música natalense. Autor de gemas raras do nosso cancionário, como “Ranchinho de paia” e “Moinho d’água”, entre dezenas de outras, ele está ultimando os preparativos de dois importantes testemunhos musicais: uma antologia de suas principais composições com novos arranjos e novos intérpretes, que sairá sob a forma de um álbum com dois CDs, e também de um *songbook*, reunindo partituras, letras e registros fotográficos seus. Ambos são comemorativos dos 50 anos de gravação de “Ranchinho de paia”, na voz de Rinaldo Calheiros. Sobre esses e outros assuntos ligados à sua longa carreira musical, Chico Elion conversa com o jornalista Nelson Patriota.

Marcos Silva faz a exegese do romance “As pelejas de Ojuara”, de Nei Leandro do Castro, revelando todas as conexões dessa obra com a literatura clássica e a tradição popular.

Dorian Gray Caldas comenta a paixão do infinito que demarca os horizontes da poesia e da ensaística de Marco Lucchesi.

Pedro Vicente Costa Sobrinho refaz o itinerário do escritor nordestino e mostra que há muito o que fazer até que os problemas que são colocados à sua frente sejam removidos.

Nelson Patriota faz uma exposição sobre este jornal, correlacionando-o com outros periódicos afins. O ensaio destaca características próprias e comuns aos diversos veículos que servem hoje à causa do jornalismo cultural.

Lívio Oliveira dá prosseguimento à série “Bibliotecas vivas do RN”, enfocando o acervo de Homero Costa.

José Delfino diz por que o blues é uma forma singular de jazz e quais estrelas gravitam à volta dessa complexa constelação de sons.

Hudson Costa escreve sobre um personagem trágico, saído das páginas de Dostoiévsky ou Poe.

Francisco Carvalho retira do seu novo livro o poema “Devo um galo”, inspirado nos momentos finais de Sócrates.

Antônio Lisboa de Oliveira deplora a sorte da Argentina evocando os seus poetas. Franco Jasiello lembra Pasolini e traduz dele um poema.

As fotos desta edição são de Clóvis Tinoco e as ilustrações de Francisco Iran Dantas.

Atenciosamente,

O Editor

Índice

03 *Falo & fala - metáforas de macho e fêmea n'As pelejas de Ojuara.*
Marcos Silva

06 *Marco Lucchesi ou a paixão do infinito*
Dorian Gray Caldas

07 *A biblioteca de Homero Costa*
Lívio Oliveira

09 *O escritor nordestino - um itinerante à procura de editor*
Pedro Vicente Costa Sobrinho

12 *Devo um galo*
Francisco Carvalho

13 *O Galo no contexto do jornalismo cultural -*
Nelson Patriota

15 Entrevista



O compositor **Chico Elion** antecipa a agenda de eventos que marcarão os 50 anos de composição de sua canção mais famosa, “Ranchinho de paia”, que transcorre este ano.

Na agenda, o lançamento de um álbum com dois CDs contendo suas principais composições com novos arranjos e intérpretes e um *songbook* reunindo partituras, letras e iconografia.

19 *Argentina, seus poetas choram*
Antônio Lisboa de Oliveira

20 *Um personagem*
Hudson Paulo Costa

21 *De como falar de blues*
José Delfino

22 *Lançamentos*

23 *Correio d'O Galo*

24 *Um poema de Pier Paolo Pasolini*
Tradução de Franco M. Jasiello

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

FERNANDO FREIRE
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

PAULO TARCÍSIO CAVALCANTI
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
LUCIANO FLÁVIO FERRAZ PORPINO
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Colaboraram nesta edição: Marcos Silva, Hudson Paulo Costa, Dorian Gray Caldas, Lívio Oliveira, Franco M. Jasiello, Antônio Lisboa de Oliveira, Pedro Vicente Costa Sobrinho, Nelson Patriota e José Delfino.

Foto da capa: Clóvis Tinoco.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020-220 - Tel (084) 221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342.

E-mail do editor: nelson@digicom.br

A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.



Metáforas de macho e fêmea n'As Pelejas de Ojuara¹

Marcos Silva

As Pelejas de Ojuara, de Nei Leandro de Castro, reitera a abundância no próprio plano do diálogo intertextual:

- Gargântua e Pantagrue têm por contrapartida as comilanças de Celso da Silva, a disputa de peidos entre a pobre doida de Macaíba e o Coronel Beleza, assim como as bebedeiras dos poetas;
- Édipo e Jocasta ecoam nos amores de Pantanha e sua Mãe;
- As bruxas de Macbeth aparecem como os piagas Chico Rabelê, Miguel de Sá e Pedro Bala;
- Otelo, traído por Iago, é evocado no lenço supostamente bordado por Leonor, apaixonada noiva do cantador Jé Bernardo, que Franco Jorge leva para Ojuara;
- Macunaíma, que nasce preto e vira branco, ressurge no crescimento de Ojuara, em altura e músculos, depois de adulto, e no capítulo erudito-paródico

sobre o nome do herói;

- O Boi Rodapião, do conto "Conversa de Bois", tem fontes na Literatura Oral semelhantes às do Boi Mandingueiro, que desaparece depois de dominado;

- Meu Tio, o Iauaretê é retomado na vitória de Ojuara sobre a onça comedora de garrotes;

- Ojuara acaba num Canto de Muro, transformado em aranha janduí, ao escapar de Exu e morrer, como ninho/útero dos ovos da vespa negra².

Tensões e harmonias entre local, regional e universal, reelaboradas em diferentes níveis narrativos, fazem-se sempre presentes no romance, através desse



"Tensões e harmonias entre local, regional e universal (...) fazem-se sempre presentes no romance"

emaranhado de mitos literários.

Ojuara é dotado de imenso falo, que provoca duradouro e incomparável gozo em um grande número de mulheres, jorrando infinitas erupções de sêmen, que nada semeiam. Clotilde engravidada, aborta e morre. As seis quengas da pensão Cubas e Havanás também engravidam, depois que Ojuara copula com todas seguidamente. A ejaculação, que parece ter ocorrido somente na última, gera, em todas elas, filhas parecidas com Leonor, em quem o herói pensava quando gozou, como

se a moça emprenhasse aquelas mulheres. No caso de Dona Belinha, o sêmen escorre entre as trêmulas, satisfeitas e ainda excitadas



O paulista Mário de Andrade é um dos interlocutores de Nei Leandro, em "As pelejas de Ojuara", através de seu personagem Macunaíma.

coxas da feliz contemplada com tanto prazer e "beleza sem razão", sob o signo do "quero mais"...

Uma das conquistas de Nei é apresentar o excesso numa linguagem contida e auto-reflexiva, através do riso. Contrasta a ilimitada experiência do que é bom com um mundo de carência material e super-exploração dos pobres ("meia dúzia de povoados miseráveis"), concisamente indicado. Sem semear, o sêmen de Ojuara recusa a perpetuação de tal mundo, mas finda arriscando-se a não repor sequer seu avesso, oposto esse anunciado desde a metamorfose de Araújo em Ojuara, ameaçado de encerrar-se com ele.

O contraste também se faz em relação à mediocridade da experiência cotidiana instituída: do casamento com a opressiva Duá - muito satisfatório na cama, mas espiritualmente insuficiente para aquele grande fornicador (Eros é mais que copular) -, ao trabalho burocrático, no armazém do sogro. Daí, o nascimento de Ojuara, aos 28 anos, ao se afastar dessa situação. Romper com a

fogosa monopolizadora Duá evidencia a identificação entre Eros e Liberdade, impossível naquele vínculo. A alegria da libido não se expressa propriamente no quantitativo, mas sim no ato de ser livre. Ojuara nasce aos 28 anos porque, só então, inventa plenamente seu Eros, inventando-se.

Algun leitor mais inseguro e moralista poderá objetar: é um texto de erotismo estético, em alto padrão (culpa camuflada), ou vulgar pornografia, indigna de gente culta (culpa vitoriosa)? Essa tola oposição apenas expõe preconceitos contra a materialidade do corpo literariamente trabalhada, fineza e grossura num mesmo ser, e suas múltiplas simbologias. Melhor que tal filosofia de "chá das cinco" é misturar-se com o primado da fantasia sobre o baixo ventre - aparelho digestivo e órgãos genitais, como lembra Mikhail Bakhtin, abrindo espaço para compreender aquela vontade de abundância como luta de classes³ -, a fim de dividir com Ojuara, por identificação ou entrega, as pelejas do prazer.

Para Ojuara, pelejar é viver e grande parte do viver é fornicar.

Seu falo é uma espécie de prego - jamais por espessura nem tamanho, exaltados no exagero, antes pela dureza e capacidade de penetração -, transformando o que existe por trás dele (um homem) em resistente martelo. A última vagina onde o personagem mergulha, a de Clotilde, figura literalmente como alicate, arranca-pregos, virtual parte de outro martelo, e define um encaixe com o falo, que tem por desfecho potencial a castração.

Ultrapassando essa dimensão mutilante, e não se confundindo com a vagina dentada da Mãe de Pantanha (faltam dentes no sorriso de Clotilde), a arranca-pregos possibilita pensar sobre o que existe no homem por trás do falo - uma energia que se contrapõe, no coabitar, à outra energia. A diferença macho/fêmea se assume como deliciosa articulação e reciprocidade eventualmente ameaçadora, que exclui qualquer identidade da mulher com uma passiva tábua, apenas atravessada pelos pregos. Afinal, lenha é a parte do macho!

Ojuara se revela igualmente passivo naquela hiper-atividade (o falo, como tronco de carne viva, gostosamente sugado pela bolsa de carne viva da parceira), e demonstra que o homem, através do pênis, também dá para a mulher, numa festiva relação de dom e contra-dom⁴

O tamanho desse falo é o responsável pelo extremo gozo das fêmeas, tema caro a outros literatos do século XX que transitam na tradição picaresca, como Gabriel Garcia Márquez, através do personagem José Arcádio, de *Cem Anos de Solidão*, e Jorge Amado, com o Osnar, de *Tieta do Agreste*⁵. Nas Vênus Calipíguas "pré-históricas", nos monumentos priápicos de Pompéia e nos objetos fálicos do Império Inca, a referência genital ampliada passa pelo espectro do sagrado, enquanto os falo-canhões dos carnavais no medievo europeu, espalhando coloridas matérias picadas e diferentes odores, enfrentam a sagração do poder⁶.

Embora doce (cilindro de rapadura), o falo com que Ojuara derrota a vagina dentada da Mãe de Pantanha ainda é objeto inanimado. Seu falo de carne, todavia, possui outra inesperada doçura - o carinho conduzido pelo volume excessivo. A Mãe de Pantanha, com a vagina castradora, e Zé Tabacão⁷, violento com as mulheres, são o avesso daquele afeto e representam uma sexualidade que se satisfaz com a dor do outro, donde a destruição de ambos ser necessária. A Mãe de Pantanha urra quando seus dentes vaginais experimentam o sofrimento no falo de rapadura; o baixo ventre de Zé Tabacão, sob calças verdes, confundido com a vegetação (portanto, sem humanidade), é devorado por gafanhotos.

O encantamento do mundo de Ojuara - quase sempre falo, quase nunca pênis - leva o gigantismo genital a situar o gozo num contexto masculino da natureza. Nasce-se com o pênis para ser grande, ou não. Cabe às mulheres, muitas delas prostitutas, o cultivo das Artes do Prazer, versão abreviada do mito de invenção feminina da Cultura. O "fogarêu molhado" de Duá, na lua de mel, foi assim interpretado: "Naquela noite, se alguém pudesse presenciar o tido e havido entre as quatro paredes do quarto dos noivos, apostaria a vida e mais seis meses que Duá tinha muitos anos de janela de zona. Até o femeeiro Zé Araújo, precoce em freges e cortiços, espantou-se com aquela incrível vocação para as artes da fodelança. A turca era uma artista." Copular com todas as mulheres do mundo, ao invés de banal machismo, revela-se elogio ao saber feminino e sede de "engenho e arte".

Mas existem também os homens poetas. Embora sem se reproduzir, Ojuara tem nesses companheiros de viagem outras faces de seu avesso. Antes daquele frustrante casamento, o personagem fora caixeiro-viajante, ligado em versos e canções, amigo de poetas. Alguns destes (Castilho, Deodato Bilro e Lula Guimarães) até participaram da vaia coletiva que lhe foi dirigida em Natal, quando Duá, acompanhada por policiais, veio retirá-lo da zona, da bebida, das mulheres e das canções

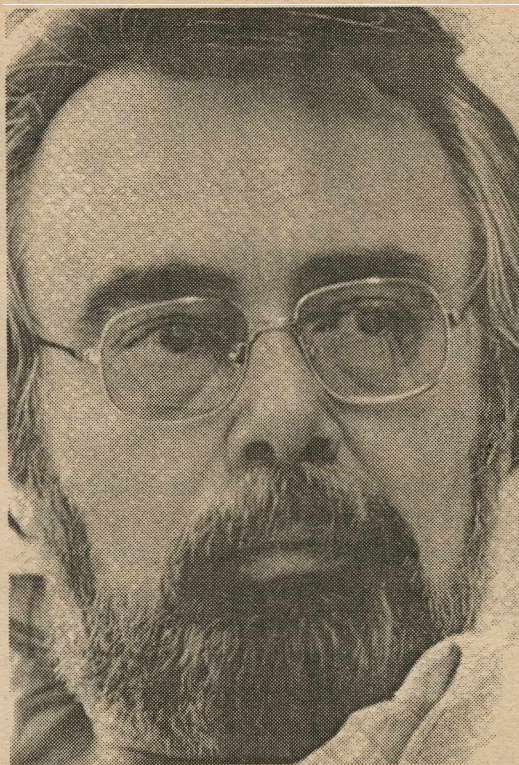
Depois que se afastou daquela vida burocrática de marido, genro e empregado, ele voltou a conviver com mais poetas, portadores de outras dimensões de Eros no plano do ideal, irmãos espirituais das prostitutas fazedoras de Artes. Lula Guimarães, "poeta arretado amigo de Zé Araújo", define-as, no começo do romance, como "afogadas em açudes de melancolia e solidão", bela morte no mundo das palavras. Através da Poesia, os homens também surgem como fazedores de Artes e parceiros das mulheres na invenção da Cultura.

Os poetas mesclam o consumo da cachaça, igualmente apreciada por Ojuara, à beleza da palavra e às transgressões nos costumes. A Poesia surge como língua (outro falo) de Eros, sendo a bebida alcoólica uma espécie de poção mágica para a liberada eclosão da libido na fala. No País de São Saruê, reino dos valores de uso, não há mulheres nem cachaça, configurando um Paraíso que merece ser abandonado, apesar de tantas outras delícias.

Daí, o principal falo do poeta ser sua língua, como explicitado no coito verbal de Lula Guimarães, durante o sarau em Ceará-Mirim. A declamação desse poeta é uma desmedida e gozosa geração de imagens, seguida pela vontade de lançar o "grito de guerra" – "Bebe-se nesta casa?" –, abafado por um choro orgástico, outros "açudes de melancolia e solidão". Esse episódio representa a continuidade no ciclo Poesia/Eros/Cachaça/Liberdade: o mundo das grandes coisas não é fácil nem plenamente controlado pela vontade de seus sujeitos.

Apesar de traços em comum, os poetas não constituem um grupo homogêneo. Zilá de Castro, "poetona boa da gota", é mulher. Ela e Dorian Hipólito não bebem, Deodato Bilro só bebe e Jé Bernardo, apaixonado por Leonor, parece genitalmente assexuado – quem experimenta uma forte ereção, quando tocado pelas mãos da moça, é Ojuara.

Mesmo os estilos de escrita, reproduzidos ou parodiados no romance (as letras das canções, os decassílabos de Dorian, o tema da ode de Zilá, as imagens líricas de Lula), oscilam radicalmente entre a mais alta modernidade e uma pesada retórica conservadora, sem que nenhuma dessas dimensões possa simplesmente ser descartada. Diante do palavreado tardo-parnasiano da letra de "Boneca", a decodificação que uma ouvinte da canção faz do texto, sem entender direito aquele vocabulário – lembrança da "filha que tinha morrido anjinho" – desempenha legítima função estética (experiência do sensível),



De acordo com o ensaísta, uma das conquistas de Nei em "As Pelejas de Ojuara" é "apresentar o excesso numa linguagem contida e auto-reflexiva, através do riso"

abalando os limites entre ridículo e sublime.

Os nomes e alguns caracteres dos poetas remetem o leitor para o cânon potiguar na geração de Nei, ou em seus imediatos antecessores: Deodato Bilro (Newton Navarro Bilro), Lula Guimarães (Luís Carlos Guimarães), Zilá de Castro (Zila Mamede, misturada com o próprio Nei Leandro de Castro – o trânsito macho/fêmea também na Poesia, em nome da excelência), Celso da Silva (Celso da Silveira) e tantos outros. *As Pelejas de Ojuara*, todavia, não se resolve como romance com chave, uma vez que seus personagens existem na dinâmica da narrativa, sem uma rígida dependência em relação ao biográfico extra-literário, que, se ocorresse, dificultaria a leitura do livro por pessoas que ignoram aquele cânon e seu anedotário. O referido episódio da declamação de Lula Guimarães, por exemplo, é plenamente integrado na identidade dos poetas como geradores do que ainda não existe (a nova beleza), evidenciando-lhes o poder contra o mundo instituído.

Tal poder foi aplicado, dentre outros destinatários, à subserviência de Alfonsus Laudemus, assessor do prefeito Dr. Heleno e desautorizado mestre de cerimônias daquele sarau, que o bêbado poeta Lula saudou com a frase: "Alfonsus, fique calado, que você é um bosta!". A humilhação de uma pessoa tão submissa aos dominantes tem por paralelos a vitória da doida de Macaíba sobre o coronel Beleza, o

desmaio do bispo diante do chulé de Tião Pé-de-Santo e o descaso de Ojuara pela beleza de Duá e pelo dinheiro do sogro: Poesia, Riso e Eros podem mais.

Um núcleo dessa força da Poesia é a capacidade de fabular, anunciada, no livro, desde a epígrafe de Miguel de Cervantes ("tanto a mentira é melhor quanto mais parece verdadeira, e tanto mais agrada quanto mais tem de verossímil e possível."), reforçada nas tramas narradas por Zé Pretinho e no diagnóstico do Dr. Neto sobre a morte da onça "em período de lactação"⁹. Tudo que é contado e cantado vira verdade. O subtítulo do romance, *A História Verdadeira do Homem que Virou Bicho*, reivindica essa condição. Rique de Campos, personagem em *As Pelejas de Ojuara*, também assume essa poética da liberdade narrativa: "A história era dele, ele contava como bem queria."

O primado do Prazer passa por opções e destinos. Não é a família (Ojuara rompe com Duá e o sogro e, quando decide ficar para sempre com Clotilde, ela aborta e morre). Também não é o dinheiro (o personagem abre mão do rico patrimônio do fazendeiro Ruzivelte Dias, renunciando ao casamento com Leonor, apaixonada por outro)¹⁰. Sequer é a beleza feminina (ele se separa da opulenta Duá e, no final, ama Clotilde, desdentada, de seios pequenos e flácidos). Sua positividade reside numa compulsão ao Fazer, desafiando poderes – Duá e seu pai, o diabo, a Mãe de Pantanha, Zé Tabacão...

O repouso desse guerreiro, depois de driblar Exu, é a morte. E a morte é o reencantamento final do mundo ("pessoa não morre nunca, pessoa fica encantada", como, antes, anunciara o piaga Chico Rabelê, citando quase literalmente trecho do discurso de posse de João Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras: "As pessoas não morrem, ficam encantadas."¹¹). A morte também significa retorno à ordem da natureza, sem renunciar a uma dose de desordem: ao se transformar em aranha janduí, Ojuara ainda possibilita a geração de seres diferentes – os filhos da vespa negra, para os quais serve de ninho e útero. É como se germinasse uma continuidade de pelejas e falos, uma vez que os marimbondos são dotados de ferrões.

Duá e o pai, abandonados por Ojuara, podem ter-se amasiado, contrariando o tabu do incesto (versão invertida de Pantanha e sua Mãe) e dando vida sempre ao mesmo círculo vicioso: filhos com a cara dos pais, assim como as meninas que nasceram das

seis quengas têm a cara de Leonor, repetindo até mesmo o sexo dessa involuntária mãe e parceira das outras mães.

Ojuara, tão carinhosamente macho, reproduz-se, como parte de fêmea (útero), no desfecho do romance, naquele nascimento do novo, que é outro, Mito e Poesia de uma vida dedicada à beleza do risco.

NOTAS

¹ CASTRO, Nei Leandro - *As Pelejas de Ojuara* - A História Verdadeira do Homem que Virou Bicho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991 (1ª ed.: 1986). Agradeço a Clélia Cavalcante Ferrari e Eli Clemente, que conversaram comigo sobre este texto durante sua elaboração, e aos funcionários da Biblioteca Central da FFLCH/USP e do IEB/USP, por facilitarem o acesso a materiais e informações.

² RABELAIS, François - *Gargântua*. Tradução de Paulo M. Oliveira. Rio de Janeiro, Athena, sem data (Biblioteca Clássica - VIII).

SÓFOCLES - *Édipo Rei*. Tradução de Geir Campos. São Paulo, Abril, 1976 (Teatro Vivo).

SHAKESPEARE, William - "Macbeth" e "Otelo, O Mour de Veneza". Tradução de F. Carlos de Almeida da Cunha Medeiros e Oscar Mendes, in: *Tragédias*. São Paulo, Abril, 1981, pp 113/191 e 325/ 442.

ANDRADE, Mário de - *Macunaíma*: O Herói sem Nenhum Caráter. 29ª ed.. Belo Horizonte, Vila Rica, 1993 (1ª ed.: 1928).

GUIMARÃES ROSA, João - "Conversa de Bois", in: *Sagarana*. 3ª ed.. Rio de Janeiro, José Olympio, 1951, pp 265/299.

IDEM - "Meu Tio, o lauaretê", in: *Estas Estórias*. 3ª ed.. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, pp 160/198.

CÂMARA CASCUDO, Luís da - *Canto de Muro*. Romance de Costumes. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1977, 266 pp (1ª ed.: 1959).

³ BAKHTIN, Mikhail - *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* - O Contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi. São Paulo/Brasília, HUCITEC/EDUNB, 1987.

Esse livro, comentando Rabelais, identifica o escatológico a profunda vitalidade, através do riso popular.

⁴ Cf. o clássico conceito de Mauss, que na tradução portuguesa aparece como:

MAUSS, Marcel - *Ensaio sobre a Dádiva*. Tradução de Antonio Filipe Marques. Lisboa, Edições 70, 1988.

⁵ GARCIA MÁRQUEZ, Gabriel - *Cem Anos de Solidão*. Tradução de Eliane Zagury. 8ª ed.. Rio de Janeiro, Sabiá, 1970.

AMADO, Jorge - *Tieta do Agreste*, Pastora de Cabras. 6ª ed.. Rio de Janeiro, Record, 1981.

O poema "O Reizinho Gay", de Hilda Hilst, apresenta um rei mudo, autoritário e dotado de descomunal genitália, outros contextos para o grande falo:

HILST, Hilda - "O Reizinho Gay", in: *Bufólicas*. Rio de Janeiro, Globo, 2002, pp 11/14.

⁶ Sobre o carnaval e o riso popular medievais, cf.: BAKHTIN, Mikhail - *Obra citada*, edição citada.

⁷ Esse nome, no nordeste brasileiro, evoca uma grande vagina - fora de lugar, todavia.

⁸ A primeira canção é de Marino Pinto e Zé da Zilda.; a outra é de Benedito Lacerda e Aldo Cabral

⁹ Ojuara fora visto por Zé Pretinho mamando nessa onça, evocação do mito de Rômulo e Remo, ato de coragem e filiação simbólica do herói.

¹⁰ No império dos valores de uso - São Saruê -, mercadorias preciosas foram retiradas antes da visita de Ojuara, e o que restou da mágica natureza se recusa a sair daquela territorialidade, caso das plantas d'água.

¹¹ GUIMARÃES ROSA, João - "O Verbo & O Logos - Discurso de Posse de João Guimarães Rosa na Sessão de 16 de Novembro de 1967", in: *Em Memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968, pp 55/88.

Marcos Silva, norte-rio-grandense, é professor universitário, artista plástico e crítico de arte.

Marco Lucchesi

Ou a paixão do infinito

Dorian Gray Caldas

Eu o saúdo, Marco Lucchesi. Saúdo a Luz que brilha em sua alma, não é só o caminho percorrido pelo seu fazer poético, pela sua inteligência, suas avaliações, sua honra e sua inequívoca simpatia humana. Não é só isso, o que já seria sobremodo excepcional; mas, principalmente, o que conduz esta sua inquietude, a presença de metáfora e necessidade de exorcizá-la, decifrá-la ou enfrentá-la com todas as armas da sua inteligência e da sua percepção sensorial. Mas, o poeta que existe em você abre os céus de todos os céus e avança. Não só os clássicos fascinam. A Divina Comédia humana também o seduz; a paixão pela infinitude transfigura o instante em arte. Torna-o eterno. A beleza o preside. A emoção redimensiona o ínfimo grão aos astros mais remotos. O micro e o macro. As energias equilibram-se nas diferenças; os vazios nas concretudes. Os contrários atraem-se e os antagonismos completam-se.

Tudo é ordem na sua poesia.

Eis a sua hora maior. Faz de uma só vez rolar os astros e movimenta os montes. O mar curva-se para ouvir a voz do poeta; ou o poeta curva os astros para ouvir o sopro de Deus nos altos abismos.

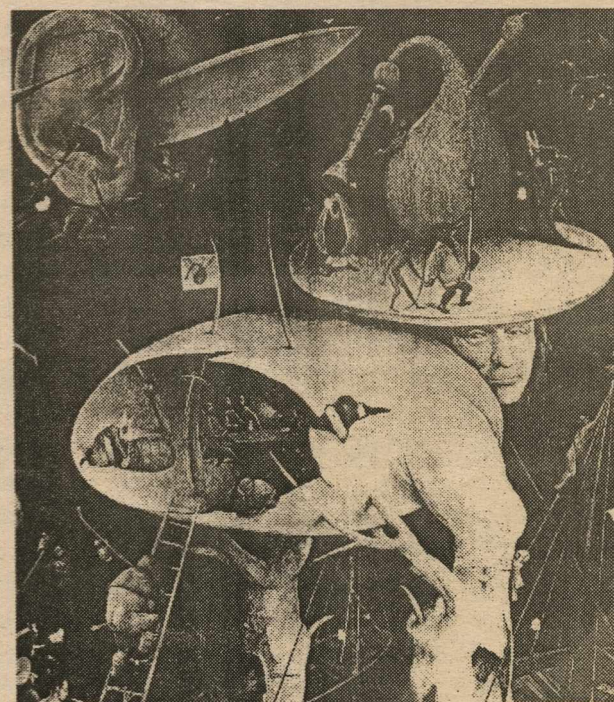
Qual destino mais poderoso que o do poeta quando cria? Quando pensa seus deuses, quando hierarquiza suas preferências? O poeta põe ordem nos reinos. Passeia com Dante nos jardins do paraíso. Senta-se com Sócrates nos jardins de Academos: Discute a luz que fulgura em Beatriz. Esta luz da beleza. Nela escreve a sua ode triunfal; a sua oração. Não é para os oráculos dos deuses a poesia? As palavras são sagradas. Esta é a ordem divina. A ordem mais profunda que a sabedoria. A ordem planetária, a ordem cósmica. O poeta tem em suas mãos o poder perfeito dessa cosmovisão; o ciclo perfeito do universo. Nada transborda dele, nada o contém. Marco Lucchesi conhece estes ciclos que presidem os céus, dos céus abertos. Quando digo isso, lembro Jorge de Lima, citado por Lucchesi:

"além do que existe".

Pense além do que existe. Algo bem maior do que tudo que conhecemos está para acontecer, é preciso crer nisso. Não somos só as pare-

des transitórias de nós mesmos. Um dia, não sei quando ou milênios nos libertaremos. Isto está escrito em alguma parte. O poeta sabe disso.

Viajamos no carro de fogo de Elias em outros espaços nunca dantes navegados. Isto é tão simples como Einstein criando a relatividade. Não é preciso provar o que existe para que ele exista. Basta a metáfora e o poeta cria sua verdade. Quando traduz do grego, do latim, do russo, do francês e outros tantos idiomas vivos ou mortos não traduz apenas o idioma, mas o significado sagrado da palavra, o que nela estava oculto, dom da revelação. Luz que existe na suprema beleza; descoberta que se anuncia desde a obscura caverna de uma baleia, no caso da interpretação Bosch, aos signos inquietantes das



Na obscura caverna de uma baleia pintada por Bosch, pulsa a liberdade suprema da arte

musas de Dalí. Botticelli fez nascer da concha a Vênus. Presidiu a criação do ventre obscuro das águas, a poesia é isto: o direito absoluto da liberdade, acima de todos os paroxismos e todas as medidas. Marco Lucchesi tem esse direito, luz de sua poesia, alto poder de criar novos paradigmas onde a poesia sopra, como nos dizem os livros sagrados, onde quer.

Dorian Gray Caldas é poeta, crítico e artista plástico norte-rio-grandense.



Fotos: Carlos Newton de Souza Pinto

Homero Costa: "Possuo ambições intelectuais demasiadamente ecléticas, que se expressam no ecletismo da própria biblioteca, indo desde as Ciências Sociais até interesses outros como a Cosmologia – da qual me considero apenas dileitante, mas que leio com interesse, frequência e prazer".

Bibliotecas vivas do Rio Grande do Norte (V)

A biblioteca de Homero Costa

Lívio Alves A. de Oliveira

*"Folheada, a folha de um livro retoma
o lânguido e vegetal da folha folha,
e um livro se folheia ou se desfolha
como sob o vento a árvore que o doa;(...)"*

(João Cabral de Melo Neto, no poema "Para a Feira do Livro", em *A Educação pela Pedra*).

As reais dimensões da biblioteca do cientista político Homero Costa não são explícitas logo no ingresso na sala que abriga os seus livros. Isto se explica por serem duplas as filas dimensionadas nas estantes. Livros expostos na primeira fila e livros por trás desses.

Encontram-se ali cerca de dez mil volumes, sobre temas absolutamente diversifica-

dos, com aspectos enciclopédicos visíveis, que partem desde a Literatura Brasileira, passando pela Literatura Latinoamericana e européia, Biografias, História, Jornalismo, Autores Potiguaros, Filosofia, Crítica Literária e um curioso acervo de Ciências contendo obras de Astronomia, Cosmologia, Divulgação Científica, inclusive com assinaturas específicas como a da revista britânica *Nature*, além da londrina *New Left Review* e a brasileira *Ciência Hoje*.

Outro destaque a se considerar é a parte da biblioteca que tematiza "livros sobre os livros e leituras", verdadeira tradução da paixão do cientista social entrevistado, de que fazem exemplos: *O Livro*, de Douglas C. McMurtrie, da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1965; *Balcão de Livraria*, de Herbert Caro, MEC, Rio, 1960,

que demonstra a experiência do autor como livreiro – aliás, experiência também vivida por Homero Costa junto com Vicente Serejo e Pedro Vicente quando da existência da *Cosmopolita*, misto de livraria e sebo que se localizava na Cidade Alta. Outros exemplos desse setor: *Os Livros, Nossos Amigos*, de Eduardo Frieiro, Editora Paulo Bluhm, Belo Horizonte, 1941 (numa edição rara); *Livros sobre Livros*, de Nelson Palma Travassos, editora Hucitec, São Paulo, 1978; *A Aventura do Livro do Leitor ao Navegador*, de Roger Chartier, Editora Unesp.

As coleções são, também, um aspecto forte da biblioteca. Nela se encontram, em boas encadernações, *O Pasquim* (encadernado o período quase completo de 1972 a 1980); jornal *O Movimento* (de 1975 a 1981); jornal *Opinião* (1972 a 1977); jor-

nal Repórter; Coojornal, da Cooperativa de Jornalistas de Porto Alegre; quase todas edições da esquerda brasileira.

Outras coleções de Homero, todas completas: revistas *Bravo*, *República*, *Jornal dos Jornais*, *Reportagem*, *Cult*, *Palavras*, *Carta Capital* e *Imprensa*.

Dentre as coleções de revistas se destacam, com muita ênfase, a rara coleção *Civilização Brasileira*, em duas fases completas, além das revistas de conhecimento cético, especializadas em desfazer mitos e desmascarar falsos paranormais e outros “picaretas”, no dizer de Homero: a *Skeptic* e a *Skeptical Inquirer*, onde escreve James Rand, conhecido no Brasil pelo destaque popular que lhe tem conferido o programa global *Fantástico*.

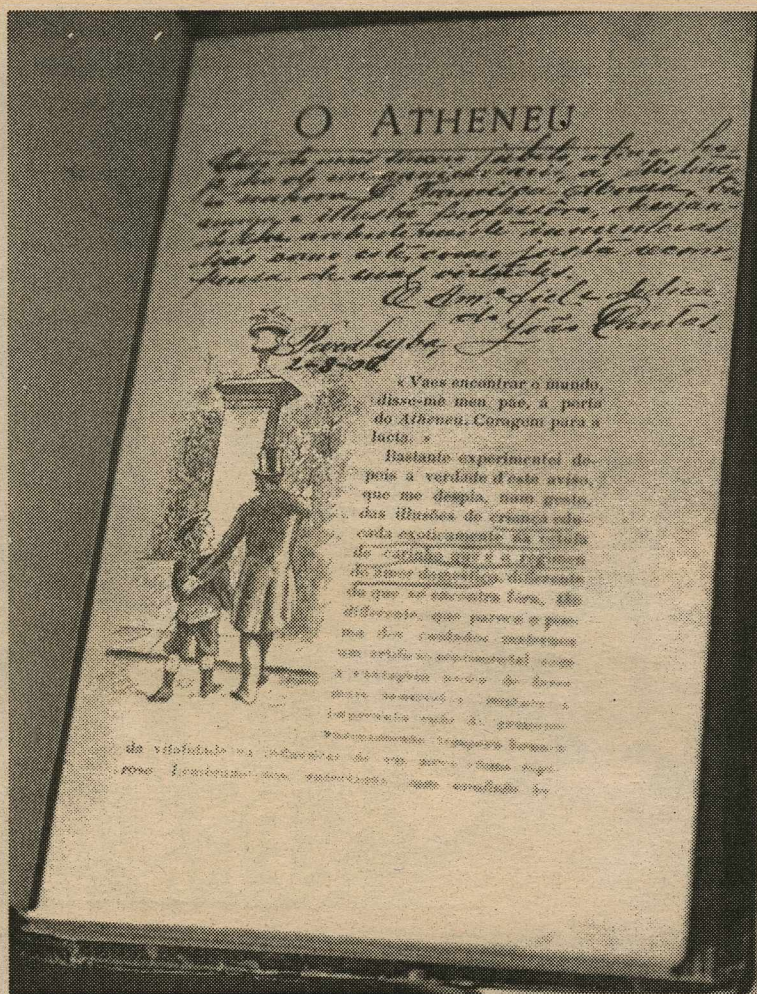
No aspecto da divulgação científica, é um amante de Stephen Jay Gould, zoólogo, biólogo e paleontólogo, morto recentemente e do astrônomo Carl Sagan, autor do belo “O Mundo Assombrado pelos Demônios”, publicado no Brasil pela Companhia das Letras.

Acerca das revistas especializadas em ceticismo, salienta Homero que deveriam existir publicações similares no Brasil, lamentando a sua inexistência nestas plagas.

Sobre a corrente filosófica do ceticismo, da qual se considera um diletante, possui Homero Costa toda a obra do filósofo David Hume editada em português, fazendo também leituras de Sexto Empírico e Montaigne.

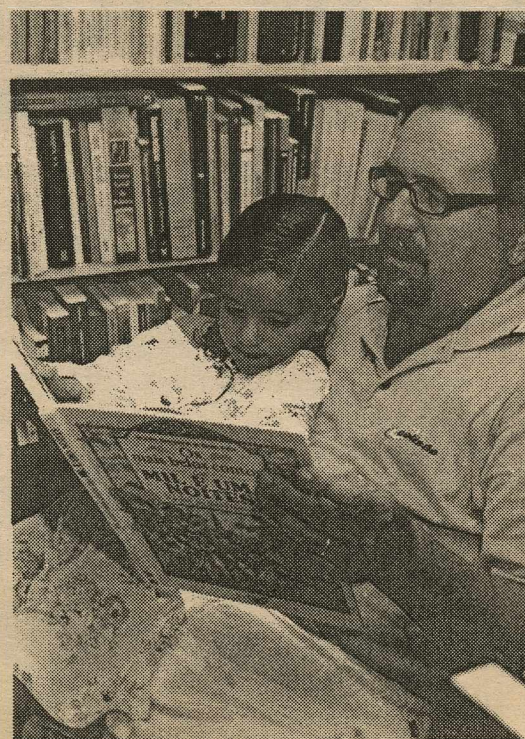
Homero Costa é, talvez, um dos maiores assinantes de periódicos do Rio Grande do Norte. Apresenta-me, ainda, para comprovar tal assertiva, as revistas *The Nation* (publicação progressista americana) e *The New York Review of Books*, também dos EUA, além de várias revistas acadêmicas brasileiras.

Mas, verdadeiramente, a grande paixão de Homero é pelos livros, dos quais é – fundamentalmente – um leitor seletivo e voraz. Considera que, infelizmente, adquire livros em “progressão geométrica” e os lê em “progressão aritmética” do tempo.



Uma edição de *O Atheneu*, de Raul Pompéia, de 1905, é uma das raridades da biblioteca de Homero Costa.

“Possuo ambições intelectuais demasiadamente ecléticas, que se expressam no ecletismo da própria biblioteca, indo desde as Ciências Sociais até interesses outros como a Cosmologia – da qual me considero



Homero reserva uma parte do seu dia para iniciar sua filha mais nova na literatura infantil

apenas diletante, mas que leio com interesse, frequência e prazer.” Assim, expressa sua variedade de temas eleitos na formação da biblioteca.

Frequentador assíduo dos sebos e amigo de todos os sebitas de Natal, Homero afirma que os sebos da cidade ainda precisam de uma mínima organização, sem que isto incorra em excesso: “Gosto da descoberta. De encontrar raridades incrustadas nos acervos em desordem. Gosto, também, de viajar para comprar livros. Recentemente estive em Belo Horizonte, Rio e São Paulo, tendo visitado – como principal objetivo da viagem – mais de cinquenta sebos. Há amigos que participam dessa aventura comum, como Serejo, Inácio Sena e Pedro Vicente.”

Dentre os autores prediletos, Homero cita os seguintes: Montaigne, Hume, Shakespeare, Rabelais, Cervantes, Borges, Flaubert, Italo Calvino, Tariq Ali, Machado e Graciliano, numa espécie de cânone pessoal.

Confessa não ser um grande leitor de poesia – não acompanhando a produção poética do Brasil – apesar de amar Drummond, João Cabral e Bandeira.

No que respeita à cultura potiguar, afirma que “a figura máxima é, inegavelmente, Luís da Câmara Cascudo. No conjunto da sua obra há contribuições significativas para a cultura do Brasil, por isso, deve ser lida no seu conjunto. Somente após isso é que deverá se permitir o leitor a criticá-la ou elogiá-la em demasia, dificuldades simultaneamente ocorrentes na província pouco afeita à dialética.”

A paixão pelos livros nasceu em Homero quando fazia leituras intensas em sua adolescência no Atheneu. Lia desordenadamente, o que afirma continuar a fazer nos dias atuais.

Começou a adquirir o seu acervo bibliográfico por volta dos quinze anos, quando conseguiu o seu primeiro emprego.

Uma das áreas atuais de leitura e estudo é a relação mídia - política, detendo um bom acervo sobre tal aspecto e também sobre partidos políticos, anarquistas e, claro, sobre o Marxismo, do qual é devoto “em que pesem os ventos contra”.

No aspecto da Política Brasileira, de que possui vasto acervo de livros, possui o cientista praticamente tudo o que foi publicado no Brasil sobre a memória da luta armada contra a ditadura militar de 1964-1985.

Indagado sobre a atualidade intelectual do mundo, afirma que uma das grandes admirações ideológicas que nutre, nestes tempos, é por Noam Chomsky, intelectual progressista americano, de quem possui diversas obras.

Mostra-me Homero, nos derradeiros momentos da visita, na estante dedicada ao Rio Grande do Norte, uma primeira edição

de *Várzea do Assú*, de Manoel Rodrigues de Melo, onde consta um capítulo com o título *As Raízes Históricas da Várzea do Assú e a sua Repercussão no Movimento Comunista de 1935*, suprimida nas edições seguintes. Até alguns anos atrás o que tinha Homero era apenas o capítulo – isolado – em cópia xerox encadernada, doada pelo historiador e pesquisador Leonardo Barata.

Antes que a visita terminasse, descobri na biblioteca uma edição de *O Atheneu*, de Raul Pompéia, de 1905. Nele se encontra uma curiosa dedicatória a uma professora chamada Francisca Moura, escrita por um tal João Dantas, em 02 de agosto de 1906:

“Cheio do mais sincero júbilo, abraço hoje, dia do seu aniversário, a distinta senhora D. Francisca Moura, bôa amiga e illustre professôra, desejando-lhe ardentemente inúmeros dias como este, como justa recompensa de suas virtudes.

*Do amigo fiel e dedicado
João Dantas.
Parahyba, 2 – 8 – 06.”*

Em conversa posterior com o escritor Ariano Suassuna, que esteve recentemente em Natal, o mesmo me revelou que aquela senhora era, nada mais, nada menos, do que a mãe do primeiro amor de João Dantas (parente de Ariano), antes da profunda paixão por Anayde Beiriz (romance que culminou com a morte de João Pessoa e com a Revolução de 1930). Chamava-se Catarina Moura.

A resposta de Ariano Suassuna corroborou o que escreveu José Joffily em sua obra *Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30*, pág. 23:

*“Na novela armorial **História do Rei Degolado**, página 34, Ariano Suassuna reproduz um diálogo em que João Dantas confessa seu ‘amor por uma mulata, Inah Moura’... Ficção? Nada disso. Fictício somente o nome da heroína; na verdade, Catarina Moura, professora que se distinguia pela competência e dedicação ao ensino. Bela, embora de um moreno demasiado trigueiro. Época houve em que João Dantas se sentiu por ela atraído porém, sem maior aproximação. Tanto é assim que a formosa paraibana casou-se logo após com abastado comerciante estrangeiro. União, aliás, não muito feliz; com poucos anos o casal se separou.”*

As bibliotecas, é verdade, brindam-nos com grandes revelações! E, como Jorge Luís Borges – lembrado pelo entrevistado – bem dizia, a leitura é “uma forma de felicidade”.

O escritor nordestino

Um itinerante à procura de editor

Pedro Vicente Costa Sobrinho

Ao participar da 2.^a Feira Nacional do livro do Rio Grande do Norte, no ano 2000, numa entrevista concedida ao jornalista Nelson Patriota, que lhe perguntou sobre o fato de que “muitos autores nordestinos costumam se queixar de serem discriminados pelas editoras do eixo Rio-São Paulo”, o escritor pernambucano Fernando Monteiro comentou:

De fato, falta ao Nordeste uma grande editora, de dimensão nacional, que agilize a circulação de obras produzidas pelos seus próprios autores. Não adianta a gente ficar se queixando do Sudeste, do eixo Rio-São Paulo; cabe a nós resolvermos esse problema com nossos próprios meios. O Nordeste já comporta pelo menos uma editora de grande porte, só é preciso que os nossos empresários despertem para isso e invistam os seus recursos nessa área. CADERNO MUITO, p. 1 e 3.

Neste artigo, assumo de modo integral o que expressou Fernando Monteiro, e passo a elencar algumas informações que permitem uma melhor apreciação do assunto.

Em primeiro lugar, cabe destacar que o nosso atraso com relação ao mercado editorial: produção e comercialização do livro, é histórico. Vejamos.

Sem querer evidentemente dar um

mergulho muito profundo, buscando o século XIX e mesmo as duas primeiras décadas do século XX, nesses anos do predomínio da importação de livros, nos quais autores nacionais tinham suas obras impressas em gráficas da Europa, passo a analisar essa situação a partir da década de 20, que considero o início da indústria editorial no país, pois é daí que tem lugar a grande iniciativa de Monteiro Lobato, ao adquirir a Revista do Brasil (1918) e constituir a Empresa Editora Revista do Brasil com a gráfica Monteiro Lobato & Cia. (1919).

Já em 1923, Lobato estimava ter publicado 100 mil exemplares de livros. Em 1924, Lobato inaugura o prédio sede de sua editora, com 5 mil metros quadrados de área coberta, abrigando modernas máquinas tipográficas. Ao falir em 1925, o acervo da gráfica de Lobato foi adquirido por duas recém-fundadas organizações do ramo: São Paulo Editora e Editora Gráfica Revista dos Tribunais.

Passada a tormenta, Lobato, com seu *ex-empregado* Octalles Marcondes, fundava a Companhia Editora Nacional (1925). Com base em sua amarga experiência, Lobato definiu modernamente o processo de divisão do trabalho no Capitalismo:

O que nos fez mal foi a montagem daquela enorme oficina. A nova empresa será só editora –



imprimirá em oficinas alheias. A indústria editora é uma e a impressora é outra. E como não faremos a crédito (que por felicidade não teremos), a nova árvore crescerá com solidez de grânito, à prova de secas, terremotos e vulcões (LOBATO, 281).

Daí a grande luta de Lobato contra as altas taxas aduaneiras para importação de papel para livro, que o tornava muito caro. Contra o protecionismo absurdo, as recém-instaladas indústrias de papel no país, que trabalhavam com celulose importada da Suécia e de outros países, e tinham preços elevados, se beneficiando das taxas aduaneiras, e prejudicando a incipiente indústria livreira nacional.

É nessa esteira que vão surgir ou se consolidar as grandes editoras nacionais: Companhia Editora Nacional, Francisco Alves, Globo, José Olympio, Irmãos Pongetti, Melhoramentos, Martins e Civilização Brasileira.

Nos anos 30, já 50% das gráficas do país estavam concentradas nos estados de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro. Só São Paulo detinha 32% do total de empresas do ramo gráfico. Esse percentual é bem maior com relação à produção industrial gráfica. Nessa mesma década, os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul concentravam 61% das empresas editoras e mais de 80% da produção editorial. (PONTES, 369-370).

Para se ter uma melhor idéia da concentração da indústria gráfica-editorial, destaque-se que a Empresa Gráfica Revista dos Tribunais, dirigida pelo escritor-editor Nelson Travassos, nos anos 30 e 40, foi responsável por aproximadamente 60% da impressão de livros no país (PONTES, 370).

E o Nordeste, nesse tempo histórico, não merece nenhum registro digno de realce. As iniciativas são vagas e amadorísticas. Na Bahia, a Livraria Progresso, que até 1959 havia editado 280 títulos; as Edições Macunaíma, a Editora Itapoã e outras pequenas e de vida efêmera. Em Pernambuco, a Livraria Editora do Nordeste, o Gráfico Amador e as iniciativas oficiais: Instituto do Açúcar e do Alcool (Coleção Canavieira), Instituto Joaquim Nabuco, Editora Guararapes, Imprensa Universitária (1952). Ceará: Edições Clã, de Henriqueta Galeão Ltda., Editora Terra do Sol e Edições UFC. Na Paraíba: a União Cia. Editora. Além destas o pequeno espaço editorial das Oficinas Gráficas dos Diários Oficiais (HALLEWELL, 532-534).

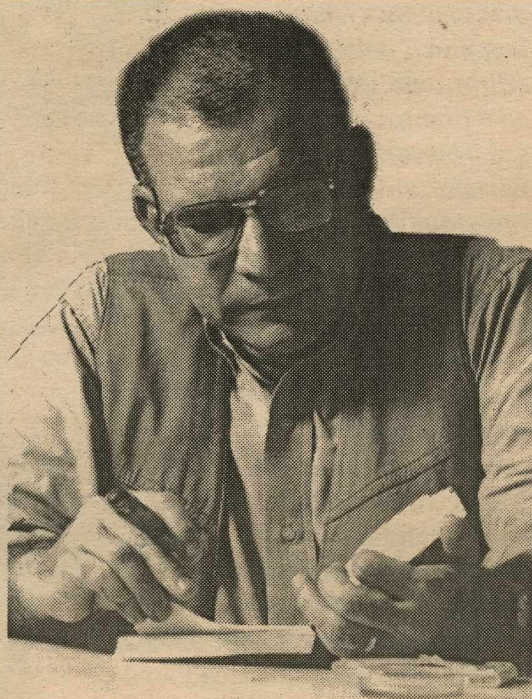
O parque gráfico instalado no Nordeste

nunca se destinou ao livro, foi voltado para os jornais de circulação diária, para atender pedidos de material de expediente e de notas fiscais. Sem falar no parque gráfico que atendia a indústria fonográfica e de embalagem. Para espanto geral, até bem recentemente não havia máquinas de costurar livros disponíveis em gráficas; algumas editoras universitárias adquiriram máquinas artesanais, quase sempre ociosas ou sem uso em suas oficinas.

A partir da década de 60, com o advento da indústria cultural no país, o atraso no Nordeste foi se acentuando. Se não instalamos uma indústria editorial quando havia um mercado menos competitivo, imagine-se em novas e adversas condições.

O lamentável é a constatação de que o Nordeste sempre se destacou pela força de sua produção intelectual. Sem fazer referências ao século XIX e o início do século XX, cabe destacar que o escritor maranhense Humberto de Campos, a sua obra, foi o carro-chefe, a viga-mestra para consolidação de José Olympio enquanto editor. E daí muitos outros: Jorge Amado, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Raquel de Queirós, Amando Fontes, Câmara Cascudo entre outros. Além disso, uma poesia forte com nomes como Jorge de Lima, João Cabral, Carlos Pena Filho, Mauro Mota.

O Nordeste, posso afirmar, passou batido. E agora, José?



F. Monteiro: "O Nordeste já comporta pelo menos uma editora de grande porte, só é preciso que os nossos empresários despertem para isso e invistam os seus recursos nessa área"

Nas últimas décadas, de 1960 a 1990, o mercado editorial brasileiro passou por profundas mudanças, novas e grandes editoras surgiram ou se consolidaram: Record, Vozes, Nova Fronteira, Forense, Ática, Sarai-va, Companhia das Letras, Martins Fontes, Globo (atual), Melhoramentos, outras antes grandes assumiram papel de coadjuvantes ou associadas: José Olympio, Nacional, Zahar, Civilização Brasileira, DIFEL, Bertrand.

Segundo o Anuário Editorial Brasileiro - 1999-2000, que adotou uma classificação para as editoras, por sua linha editorial, em cultural, crediarista, didáticas, esotéricas e de auto-ajuda, gerais, jurídicas, religiosas, técnicas e universitárias, existe aproximadamente 428 casas editoriais no país. Excluídas as duplicidades por atividades e as muitas várias que foram recém-criadas ou que escaparam ao censo, ou as que têm registros precários, mais de 500 editoras vagueiam no país. Além disso, somem-se as iniciativas individuais, as chamadas edições do autor, que transformam cada autor numa editora de um livro só ou de dois ou mais livros (Anuário Editorial Brasileiro 1999/2000, p. 33).

Para que se instaure o contato do autor com o público, é óbvia a necessidade da cadeia de mediações, que vai do editor ao distribuidor, e deste ao livreiro; ou pelo menos do autor com o livreiro, se este edita sua obra. Cabe realçar que a figura do distribuidor está ficando fora de moda, pois a relação direta entre editor e livreiro está se tornando preponderante.

No Brasil, segundo o citado Anuário Editorial Brasileiro, existe cerca de 1.749 livrarias. A região Nordeste contava com 249 desse universo, significando pouco menos da metade do número de livrarias existentes em São Paulo (499); e cerca de 14,2% do total das livrarias do país. É bom que se realce que livreiros mesmo são poucos, pois o comércio de papelaria e material de escritório é preponderante, sobrando pouco espaço para o livro.

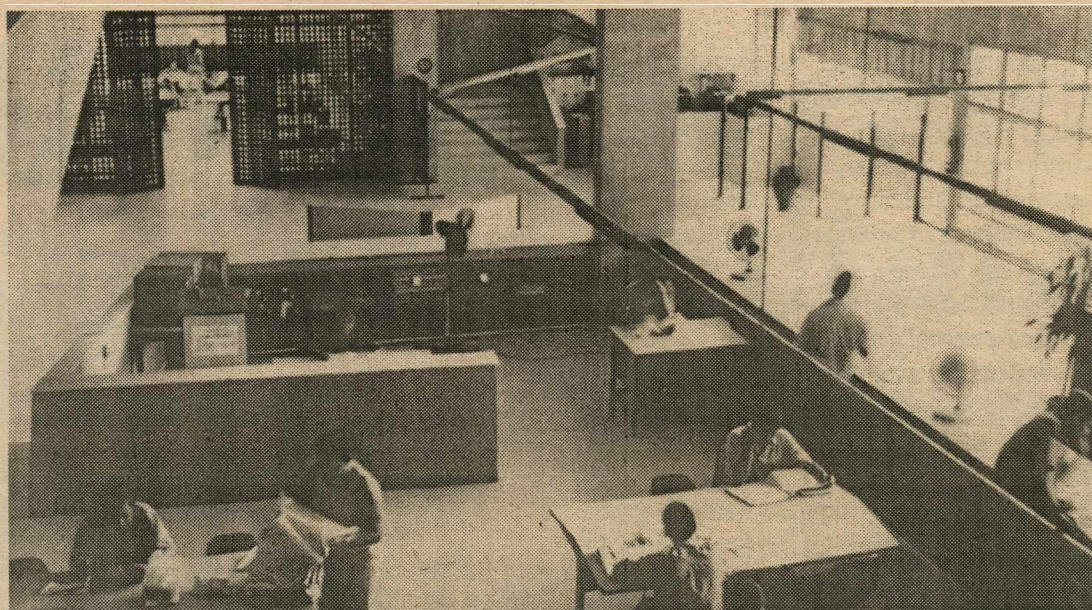
Se fizermos a relação entre número de editoras e livreiros no Brasil (428 editoras, fechando com o número do Anuário Editorial Brasileiro), temos 4 livrarias para cada editora, o que simplesmente é um absurdo, pois, com certeza, excluídas as livrarias-papelarias, restam pouco mais de duas centenas de livrarias de verdade. O absurdo torna-se mais patente se compararmos à realidade do mercado livreiro de outros países: a Espanha, em 1967, tinha 4.171 livrarias e 3.493 papelarias que também vendiam livros; Paris, fins da década de 70, possuía 2 mil livrarias; as cidades do México e Buenos Aires tinham, cada uma, 500 livrarias. A situação do Nordeste é mais grave, pois não

O Nordeste já tem uma rede de cerca de 1.051 bibliotecas públicas municipais. Esta rede, todavia, é muito precária, pois são pequenos os acervos, os municípios não compram livros, nem os Estados têm uma política efetiva de compra e distribuição do livro e de melhoria das instalações físicas dessas bibliotecas, incluindo mais pessoal qualificado. O que chega quase sempre nessa rede é o livro didático (SABER, 8-9).

Dados da CBL, Câmara Brasileira do Livro, informam a estimativa de 26 milhões de leitores no Brasil, cerca de 16,8% da população.

No que diz respeito ao associativismo no mercado editorial, é de se lamentar a situação do Nordeste. No país, principalmente no Sul e Sudeste estão concentradas as mais importantes associações ligadas ao livro e a indústria editorial. Estão nas citadas regiões a Câmara Brasileira do Livro (CBL, com mais de 50 anos); a Associação Brasileira de Editores de Livros (Abrelivros); Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER); Associação Nacional dos Editores de Publicações Técnicas e Segmentadas (ANATEC); Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL); Associação Brasileira de Difusão do Livro e Coleções (ABDLC); Associação Brasileira de Editores Cristãos (ABEC); Associação Nacional de Livrarias (ANL); Associação Brasileira da Indústria Gráfica (ABIGRAF); Associação Brasileira de Tecnologia Gráfica (ABGT); Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU); Associação Brasileira de Direitos Reprográficos (ABDR); Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil; Fundação Biblioteca Nacional; Associação Nacional de Jornais; Associação Brasileira do Livro (ABL); Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

As câmaras de livros foram criadas em vários estados do Sul e Sudeste e, para vergonha nossa, no Norte e Nordeste só existe a Câmara Baiana do Livro, e no último dia 22 de março deste ano foi criada a CPL (Câmara Potiguar do Livro). As UBEs (União Brasileira de Editores) funcionam bem no Rio e São Paulo, mas existem em outros estados do Sul. No Nordeste, só em Pernambuco está organizada e funciona com representatividade. No resto do Nordeste é coisa morta, por isso a razão de nossa proposta de uma UBE-Nordestina, com sede em Pernambuco, e seções regionais nos outros estados do Nordeste. Isto também se estenda, como proposta, a criação de uma Câmara Nordestina do Livro, pois o Nordeste tem que pensar em termos de região, somando esforços para vencer as resistências tenazes do atraso.



O Nordeste já tem uma rede de cerca de 1.051 bibliotecas públicas municipais. Esta rede, todavia, é muito precária, pois são pequenos os acervos e os municípios não compram livros

Segundo dados do censo do ano de 2000, somos hoje, cerca de 72 milhões de Brasileiros Nordestinos. Temos uma população quase equivalente ao somatório dos habitantes das regiões Norte, Sul, e Centro-Oeste. Três cidades com mais de 1 milhão de habitantes, a 3.^a (Salvador), a 5.^a (Fortaleza) e a 7.^a (Recife) metrópoles brasileiras. Nossas capitais somam nove milhões setecentos e sessenta e dois mil habitantes (IBGE, Censo 2000).

A população analfabeta no Nordeste entre 5 anos e mais, segundo o citado censo, foi reduzida nesses últimos 7 anos de 37,10% para 28,61%. A nossa participação no Mercado Editorial Livreiro é de 16% do consumo de livros. Baixa participação, comparada ao consumo do Rio Grande do Sul, que detém 8% com uma população de 10 milhões de habitantes; este dado, porém, é importante, pois revela o nosso potencial de expansão no mercado livreiro.

As feiras de livros já fazem parte da nossa agenda cultural.

O Ceará e Pernambuco já realizam suas Bienais. Quanto ao Ceará, cumpre destacar o aumento substancial do consumo do livro nos últimos anos. A Bahia realiza sua feira anual. O Rio Grande do Norte depois da realização, com sucesso, de duas feiras (1998 e 2000) realiza sua 1.^a Bienal Nacional do Livro. Alagoas, Sergipe, Paraíba, Piauí e Maranhão precisam entrar na rede, pois, no Rio Grande do Sul, realizam-se 110 feiras municipais do livro. E as feiras, com certeza, são o maior veículo de difusão do livro, reforçando portanto o hábito de leitura cultivado em casa e na escola. E tendo como consequência o aumento de leitores e a abertura de livrarias.

Cabe perguntar: e o autor nordestino, onde ele vai publicar, se não existem editoras?

É bem verdade que, de modo permanente, no Nordeste, só tem existência as editoras ligadas ao setor público: Estados, Municípios, Instituições Federais e Universidades. A política de favorecimento para alguns autores é notória, e portanto a relação profissional de valorização do bom autor fica prejudicada.

As editoras universitárias do Nordeste, a partir dos anos 90, vem de rápido se profissionalizando. Estas editoras têm eleito como paradigma as editoras das universidades paulistas (UNESP, USP, UNICAMP) e a UNB (Universidade de Brasília); que segundo Raul Wassermann, presidente da CBL, estão se aproximando do modelo americano, que não utilizam dinheiro público para publicação do livro, mas estão se preparando para competir no mercado. No ano de 2001, as nove editoras universitárias federais nordestinas lançaram aproximadamente 200 títulos no mercado. A constante melhoria no acabamento dos seus livros é uma realidade palpável.

As poucas editoras privadas existentes se consolidarão à medida que se organizem em associações de pressão, que reivindiquem crédito, e lutem pela adoção na bibliografia usada nas escolas públicas e vestibulares os livros de autores do Nordeste. Divulguem o autor regional através de feiras de livros e melhorem a qualidade gráfica dos seus livros. E lutem para criar uma reserva de mercado, como fizeram os editores gaúchos, pois os seus autores e livros têm edições lucrativas locais, para depois disputarem o mercado editorial nacional.

O parque gráfico local já comporta uma indústria livreira em expansão. Se não atender, o Sul e o Sudeste têm boas gráficas correndo atrás de serviço. Os editores do Sul, usualmente utilizam a indústria gráfica de outros países, para baratear custos de grandes tiragens.

É preciso criar uma Escola do Livro, e formar pessoal desde a editoração ao ponto de venda. Cursos rápidos, flexíveis, informais, de boa qualidade, tendo como modelo a Universidade do Livro da UNESP (Ex-CBL).

O livro didático, o paradidático e a literatura infanto-juvenil produzidas por autores locais devem estar presentes como objetivo e devem ser estimulados. A reprodução de autores nacionais clássicos e muitos deles do Nordeste, deve fazer parte do acervo bibliográfico de nossas editoras.

A volta dos cadernos e suplementos literários deve ser uma preocupação das associações de livreiros, editores e autores. A luta contra a copiagem pirata e desregrada do livro deve ser permanente.

O complexo de inferioridade de nossas revistas culturais deve ser combatido, pois em nome de uma pseudopreocupação com a grande cultura cultivada no Sul e Sudeste, passam a dedicar páginas a autores do Sul ou a obras traduzidas de autores estrangeiros.

É preciso criar uma escola de tradutores, ou remunerar tradutores do Sul e brigar por títulos no mercado editorial externo.

O complexo de inferioridade do autor nordestino também, sobretudo, precisa ser combatido a ferro e fogo. Este só se consagra, ao seu modo de ver, e para deleite de sua vaidade, se for publicado por uma editora do Sul. Uma inversão de perspectiva, pois quem consagra o autor é o público. O importante mesmo é que o autor seja publicado por uma editora que faça chegar sua obra a todo o país. Para isso, ele precisa acima de tudo ter qualidade e um bom marketing editorial. Um bom exemplo é a participação das editoras universitárias nas Bienais do Livro de São Paulo e Rio de Janeiro. Levando o livro e o autor nordestino para contato com o público.

A receita pode ser acrescida de novos ingredientes, mas o fundamental é reunir editores ou candidatos a editores com autores e livreiros, e, a partir deste tripé, estruturar uma política para o livro, e pressionar o setor público a aderir a essa iniciativa.

Pedro Vicente Costa Sobrinho, norte-rio-grandense, é escritor, doutor em Comunicação Social e professor universitário.

DEVO UM GALO



Francisco Carvalho

(Sócrates, pouco antes de morrer)

Devo um galo a Asclépio
(não por maldade ou cinismo).
Comi esse arauto da aurora
num belo dia em que os deuses,
longe de mim e da ágora,
rolavam pedras no abismo.

Asclépio vendeu-me o galo
de plumagem mais bonita
e o galo foi degolado
por minha esposa Xantipa.
O galo já não canta mais,
Tampouco as asas agita.

A morte já se aproxima
com suas passadas longas.
Meus olhos já não distinguem
os contornos da matéria,
Se as imagens do universo
são quadradas ou redondas.

Devo um galo. E esse fato
renega a essência de algumas
das minhas vagas idéias.
Dou-vos o meu testemunho,
agora, que a luz me escapa
rapidamente das veias.

(Do livro "O silêncio é uma figura geométrica").

Francisco Carvalho, cearense, é poeta

O GALO no contexto do jornalismo cultural(*)

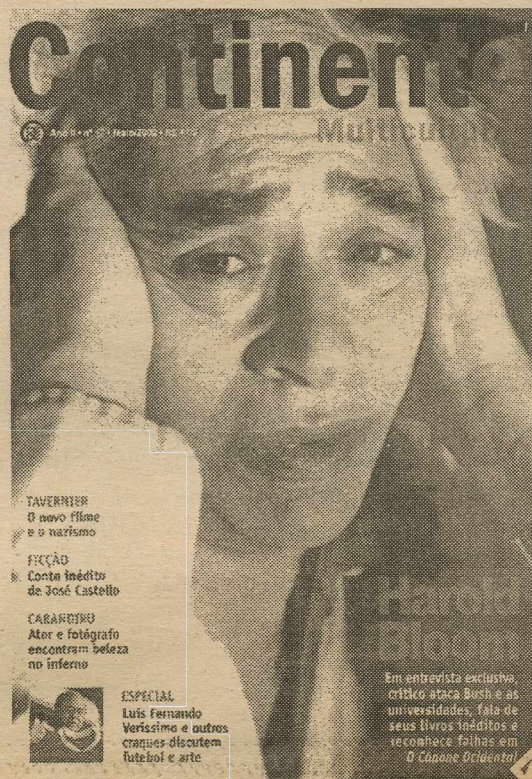
Nelson Patriota

É impossível falar do jornal O GALO sem se reportar ao jornalismo cultural tal como se pratica hoje no Brasil. Isto quer dizer que devemos falar também de publicações como as revistas Continente Multicultural, Cult e Bravo, e de jornais como Rascunho (Paraná), do Suplemento Literário, publicado pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais, do paraibano Correio das Artes, que é encarte mensal do jornal A União, do cearense "Arraia PajéUrbe". Lembramos que a grande imprensa publica regularmente suplementos culturais, como os Mais! e o Jornal de Resenhas, do jornal Folha de S. Paulo, e o Idéias, do Jornal do Brasil, para nomear apenas alguns veículos de que se valem os jornalistas especializados na área cultural e os escritores, em geral, para discutirem, publicarem e falarem dessa matéria insubstancial que é a cultura.

Cada uma dessas publicações têm características comuns às demais e outras que lhes são exclusivas. A revista Continente Multicultural, que é publicada pela Cepe – companhia Editora de Pernambuco, está hoje, em seu terceiro ano de circulação, como uma publicação consolidada no país e tem como traço mais característico a reportagem investigativa, a entrevista e o ensaio. A revista Bravo investe na reportagem e na prestação de serviços aos leitores do eixo Rio-São Paulo; a Cult é outro projeto bem-sucedido no gênero, explorando a reportagem temática, a publicação de inéditos etc. Do jornal Rascunho, chamaríamos a atenção para sua crítica literária muitas vezes ácida, bem como para as crônicas de José Castello, que prestigia hoje esta bienal, e Fernando Monteiro; o SL de Minas é uma publicação mais compacta, voltada para a divulgação e tradução de poesia e a crítica; o Correio das Artes, suplemento cultural do jornal a União, da Paraíba, chega a seu 53 ano de circulação mensal e se constitui no mais antigo



O jornal Correio das Artes, encarte do jornal paraibano A União, agora com novo projeto gráfico, e a revista Continente Multicultural, publicado no Recife, são periódicos que conquistaram seu lugar ao sol na área do jornalismo cultural brasileiro.



suplemento literário do país. Hoje, o Correio é um dos suportes mais utilizados por jovens e antigos poetas paraibanos, como Hildeberto Barbosa, Aldo Lopes, Ascendino Leite, Helena Pessoa, Sérgio Castro Pinto, Bráulio Tavares, Chico Lino Filho e outros. Fortaleza teve, até bem pouco tempo, o jornal cultural "O Pão", reedição de um símile que circulou no início do século passado. Problemas diversos levaram a seu fechamento. A pujança e o dinamismo da vida cultural cearense, porém, não poderia ficar à margem da imprensa cultural. Assim, surgiu, no início deste ano, a revista "Arraia PajéUrbe", nos moldes de um jornal cultural moderno, de formato inédito (uma arraia) e reportagens e cores arrojadas. Aguarda-se, porém, seus próximos números para saber mais detalhes dessa experiência cearense.

No caso de O GALO, a característica mais própria é a entrevista de capa, que enfoca sempre um escritor – poeta, romancista, crítico literário, artista plástico etc. – em cada edição, o que lhe assegura um caráter pessoal, acentuando sua preocupação com o registro cultural jornalístico. Outros aspectos dessa preocupação transparecem na divulgação de cartas de leitores e de lançamentos literários, além de farta publicação de poesia, artigos, ensaios, crítica literária, traduções, ilustrações e fotografias. Lembramos que os trabalhos divulgados no nosso jornal são fruto de colaboração dos autores.

Projeto idealizado pelo jornalista Woden Madruga, quando de sua primeira gestão à frente da Fundação José Augusto, O GALO já teve vários editores, como as jornalistas Marize Castro e Socorro Trindad. E passou por várias fases. Há seis anos, está sob nossa direção, o que nos tem permitido imprimir a ele um caráter simultaneamente jornalístico e regional, mas preservando sua faceta de jornal cultural.

O GALO partilha do destino comum às publicações do gênero: destina-se a um público específico, seja através de mala

postal em constante ampliação, seja pela distribuição em livrarias, sebos e postos de serviço da Fundação José Augusto. Essas iniciativas visam a atrair a atenção e o interesse de estudantes secundaristas e universitários, e o público interessado em literatura, em geral. Seu campo de leitores se espalha e se expande país a fora, graças à agilidade de sua mala postal, e chega inclusive ao exterior, com leitores assíduos e ativos na Itália, na França, Portugal etc. O ex-diretor da Aliança Francesa de Natal, Bernard Alleguede e o poeta Henri Bernier na França, o escritor Giulio Sanmartini, em Belluno, Itália, o antropólogo Augusto Mesquitela Lima, em Lisboa, estão entre os ilustres leitores europeus do GALO. Mas é claro que a grande concentração de seus leitores encontra-se mesmo no Brasil, sobremaneira no Nordeste, porque a linha editorial que vimos imprimindo ao GALO há seis anos, elege como prioridade a integração cultural da região através dos seus produtores e consumidores culturais.

Para isso, temos uma justificativa: o caráter comum dessa cultura, fato reforçado por escritores nordestinos em entrevistas concedidas ao GALO. Optamos por essa linha em função das conversas que fomos tendo ao longo destes seis anos com escritores como: Ronaldo Correia de Brito, Luiza Nóbrega, Maria Lúcia Dal Farra, Francisco Carvalho, Francisco Dantas, Marcus Accioly, Geraldo Magela, Alberto da Cunha Melo, Cyll Gallindo, Ascendino Leite, Hildeberto Barbosa Filho, Fernando Monteiro, João de Jesus Paes Loureiro, Dorian Gray Caldas, Humberto Hermenegildo, Tarcísio Gurgel entre outros. Em sua grande maioria, queixaram-se eles de um mal comum: o fato de enfrentarem dificuldade na divulgação de suas obras em

outros Estados, mesmo quando esses Estados fazem fronteira com o seu. Como se barreiras

invisíveis aos olhos, mas nem por isso menos eficazes, os separassem uns dos outros.

Esse projeto vem sendo executando paulatinamente, com a ajuda e a participação ativa desses e de outros escritores – poetas, ficcionistas, artistas plásticos, críticos literários etc., através da divulgação dos seus trabalhos, promovendo assim uma espécie de diálogo informal mas permanente entre as diversas tendências literárias da região. Trabalho aliás que não é exclusivo do GALO. Pelo contrário, outras publicações literárias, mas nem todas, têm em maior ou menor grau preocupação idêntica.

Trata-se, evidentemente, de um trabalho em progresso cujo fim não é possível discernir, e que deve ser visto no contexto da luta pela afirmação da identidade cultural nordestina entre os vários perfis culturais do Brasil, mas sem excluir deliberadamente outras manifestações culturais. Pelo contrário, entrevistas como intelectuais cariocas, como Marco Lucchesi e Bruno Tollentino, ou paulistas, como Bariani Ortencio, mereceram capas exclusivas, como acontece com os entrevistados do GALO.

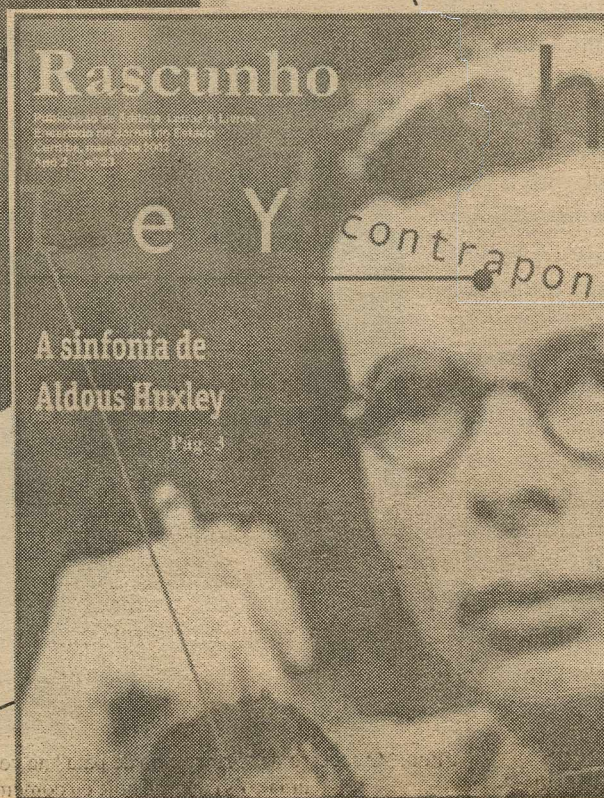
A valorização da cultura nordestina de se processar, porém, numa esfera mais ampla. Lembremos a título de exemplo, o caso do Rio Grande do Sul, onde hoje existe uma vibrante literatura que encontra suporte numa indústria editorial igualmente forte, traduzida por editoras como L& PM e Mercado Aberto, entre outras, que editam, divulgam e distribuem em todo o território nacional seus autores, independentemente dos editores do eixo Rio-São Paulo. O Nordeste tem o primeiro elemento: uma literatura forte e vibrante. Lembremos o que disse o poeta e crítico carioca Bruno Tollentino em entrevista a O GALO, há dois anos: "A melhor poesia

hoje vem do Nordeste". O segundo item – um parque editorial próspero e moderno e que seja capaz de publicar e distribuir nacionalmente os autores da região permanece um desafio. Cabe aos empresários nordestinos chamarem para si esse desafio e perceberem que os livros são, ainda o são, um bom negócio, como bem o demonstram as feiras e bienais de livro que proliferam em todo o país, atraindo um público cada vez mais numeroso e que não se cansa de "redescobrir" o livro.

*Matéria escrita para a I Bial Nacional do Livro de Natal, mas, por motivos superiores, não apresentada.

Nelson Patriota, natalense, é jornalista, sociólogo e tradutor.

Jornais como o mineiro Suplemento Cultural e o paranaense Rascunho são, hoje, verdadeiros bastiões do jornalismo cultural, ao lado de O Correio das Artes, na Paraíba, de Continente Multicultural, no Recife, e de O Galo, no Rio Grande do Norte. Essas publicações dão mostras da vitalidade que alimenta esse importante setor do jornalismo brasileiro, hoje em franca expansão.



CHICO ELION

(FRANCISCO ELION CALDAS NOBRE)

Fundador da Sociedade Artística Estudantil - SAE, em Natal, no início dos anos 50, celeiro de trios vocais como o Trio Irakitan e Trio Marayá, Chico Elion é um dos compositores norte-rio-grandenses mais conhecidos, dentro e fora do seu Estado. Autor de músicas antológicas como "Ranchinho de paia", "Moinho d'água", "O passarinho", entre centenas de outras, ele comemora este ano 50 anos de sua composição mais famosa, "Ranchinho de paia". Para marcar com selo de ouro essa data, anuncia o lançamento de um CD duplo e de um *songbook* reunindo suas principais canções. Em entrevista a O GALO, Elion fala desses e de outros projetos que pretende executar a partir deste ano, analisa a situação do músico profissional no Estado e chama a atenção para a escassez de boas melodias na música atual.

Nelson Patriota

O GALO – Chico Elion, você está comemorando este ano 50 anos da gravação de "Ranchinho de paia", canção que rivaliza em popularidade com "Praieira", ou melhor, a "Serenata do pescador", de Otoniel Meneses e Eduardo Medeiros, e "Prece ao vento", de Fernando Cascudo, Gilvan Chaves e Alcyrr Pires Vermelho. Gravada, entre outros intérpretes, por Luiz Gonzaga, Trio Irakitan e Gilliard, "Ranchinho de paia" é um momento importante da sua afirmação como artista. O que isso significa para você?

CHICO ELION – Comemorar 50 anos de "Ranchinho de paia", me faz lembrar da infância no Açu, ouvindo meu tio Renato Caldas dizendo: "Esse menino vai muito bem de bandolim, mas vamos ver se ele não vai para a esquina, com um violão debaixo do braço". Foi dito e feito, só que eu peguei o violão, o primeiro violão elétrico no Rio Grande do Norte, um Del Vecchio, mas soube usá-lo. Não me deixei seduzir pela vida fácil e falsa da boemia desmedida. Amei a boemia, mas sem excessos de deslumbremento.

O GALO – Você está preparando algum novo disco para esta efeméride?

C. E. – Estou me entrosando com uns amigos para lançar em outubro, aproveitando o centenário de nascimento do meu tio Renato Caldas, que acontecerá no dia 8 daquele mês, um CD duplo, que se chamará "Chico Elion – canções e amigos". Esse disco vai conter 42 músicas minhas cantadas por diversos intérpretes. Tem até uma homenagem ao mestre Cascudo, intitulada

"Louvação ao mestre Cascudo", que é declamada por Ana Grova com fundo musical do Quarteto de Cordas da UFRN, com regência e arranjos do maestro Oswaldo d'Amore. Tem também uma gravação de "Ranchinho de paia" com o Quarteto de Cordas da UFRN. A maior parte das músicas são inéditas, e cantadas por diversos intérpretes, como Ana Maria, minha esposa, Diógenes da Cunha Lima e Lucinha Lira e Betinha (Elizabeth Rose). Marquinho Silveira canta uma sátira ao governo Fernando Henrique, intitulada "Quem

será". A música "Partida", tem voz e violão do meu filho Francisco das Chagas Nobre, Chaguinha, compositor, arranjador e guitarrista, que mora na Bahia. Com Glorinha Oliveira, fomos buscar uma parceria minha com José Queiroz, o marido dela, que inspirou ao jornalista Sebastião Carvalho uma crônica, porque botei música no poema de José Queiroz em não mais que dez minutos. A música é

"Meu passado", e está linda na voz de Glorinha. O maestro Waldemar Ernesto está homenageado na música "Lembranças de um solovox", em parceria e interpretação de Chaguinha, e que faz menção ao instrumento elétrico que foi introduzido no Brasil pelo pianista Waldyr Calmon. "Ranchinho de Paia" tem uma gravação lindíssima, semierudita, com arranjos e interpretação de Bergenaldo Wanderley.

Além do CD, estou também idealizando um *songbook*, no estilo dos que Almir Chediak está fazendo com os cobras da MPB.

O GALO – Que avaliação você faz desses mais de 50 anos de atividades musicais e



Elion: "O sucesso de "Ranchinho de paia" na voz de Rinaldo Calheiros é uma coisa que até hoje eu comemoro"

foram os momentos mais significativos para você?

C.E. – O sucesso de “Ranchinho de paia” na voz de Rinaldo Calheiros é uma coisa que até hoje eu comemoro. Na verdade, “Ranchinho de paia” é uma música quase inesgotável: já foi considerada o hino do Rio Grande do Norte, já foi utilizada como canção de ninar, já se disse tanta de “Ranchinho de paia” e tanto ainda se diz. “Moinho d’água” também é outro motivo de imensa gratificação para mim, e fico especialmente feliz com a gravação em francês, com Gloria Lasso e Catherine Valente, intitulada “Rêve”, que significa “sonho”. Infelizmente, não tenho essa gravação, muito embora venha lutando por meio do Bureau Internacional de Música e dos internautas para adquiri-la. Mas não tenho nenhuma dúvida de que essa canção foi gravada porque tenho um documento timbrado da gravadora Les Editions Paul Beuscher, da França.

O GALO – Você chegou a ouvi-la?

C. E. – Não, só conheço a letra em francês.

Edinho, o Edson Reis França, do Trio Irakitan, meu parceiro em “Moinho D’água”, trouxe a letra para mim, quando chegou de uma turnê que o Trio Irakitan fez pela França em 1958. Mas Edinho não identificou o autor da versão.

O GALO – Que outras alegrias desses anos foram inesquecíveis para você?

C. E. – Tocar no Alecrim Clube, tocar no América com o conjunto Acayaca foi uma das maiores emoções da minha vida. O Acayaca era o conjunto musical que tocava as melhores festas daqui, de Mossoró, Caicó, e na TV Jornal do Comercio, do Recife. Em toda parte era recebido com flores. Rinaldo Calheiros era o crooner do conjunto e uma pessoa carismática, que tinha uma relação especial com o público. Outra alegria foi tocar com o conjunto “Casino de Sevilla”, um grupo espanhol que se apresentou em Natal, na Rádio Poti e nos clubes mais importantes da época: o Aero Clube, o América. O maestro chamava-se Pio Tordesillas. Outra grande emoção, essa mais recente, é que Noite Ilustrada me confirmou, dias atrás, por telefone, que Rinaldo Calheiros, que fez a primeira gravação de “Ranchinho de paia” está vivo, morando em Atibaia, interior de São Paulo, quando eu pensava que estivesse morto. Estou louco para trazê-lo a Natal e incluí-lo nas comemorações dos meus cinquenta anos de música. Rinaldo era um grande cantor e não era por acaso. Era sobrinho de Augusto Calheiros, a Patativa do Norte, cantor que fazia muito sucesso na época. Quando Rinaldo partiu para o Rio, em 1954, deixou muitas saudades e uma grande lacuna na nossa música.

O GALO – Sua carreira de compositor começou de fato em 1950, com “Moinho d’água”, gravada por Aldair Soares, para o selo CBS e que ganhou o prêmio lapela de ouro pela venda de mais de 10 mil discos. Quantas gravações já foram feitas de “Moinho d’água”?

C. E. – Calculo que dezesseis gravações: Carmélia Alves, Edinho com o Trio Irakitan e arranjos do maestro Guio de Moraes, Rinaldo Calheiros com um arranjo meio ‘broadwayiano’ do maestro Elcio Alvarez, trio Os Três do Nordeste, Moura Júnior com arranjos do maestro Guerra Peixe, Marconi Campos, do Trio Maraiá, com o conjunto vocal Grupo



Chico Elion quando ganhou o primeiro bandolim, tendo ao fundo a casa onde morou no Açu

Sombra, Liz Nôga, Bergenaldo Wanderley foram alguns dos intérpretes de “Moinho d’água”.

O GALO – Você gravou alguma vez suas próprias músicas?

C. E. – Sim, e por coincidência, a primeira gravação que fiz cantando, fui acompanhado pelo compositor e pianista Hianto de Almeida. O nome da música é “Tortura”. A gravação foi feita nos estúdios da Rádio Poti, mais ou menos em 1949, mas infelizmente não ganhou forma de disco. Em acetato, minha primeira gravação foi “Lavadeira”, e foi na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, no programa de Manoel Barcelos, apresentado por Jorge Cury e acompanhado pelo cego Amirton Valim. “Lavadeira” é inspirada nessa própria ave, muito comum no Nordeste. É uma parceria com o saudoso Canelinha.

O GALO – Você já recebeu vários prêmios pelas composições que fez. Qual foi o primeiro?

C. E. – O primeiro prêmio que recebi foi em 23 de dezembro de 1948, pela composição “Natal de Antigamente”, um samba no estilo de “Aquarela do

Brasil”, de Ari Barroso, e que foi gravado por Glorinha Oliveira no velho acetato. A música foi premiada no concurso em homenagem aos 350 anos de fundação da cidade do Natal, instituído pela prefeitura de Natal pelo então prefeito Sílvio Pedrosa e defendida por Glorinha Oliveira. Ganhei cinco contos de réis!

O GALO – O que dava comprar com esse dinheiro?

C. E. – Dava para fazer uma farra de duas semanas e comprar um bom violão.

O GALO – O prêmio dado por Sílvio Pedrosa foi correspondido pelo reconhecimento do público a sua música?

C. E. – Sim. Não tenho dúvida. Tanto foi assim que ganhei o apelido de “O Ari Barroso do Nordeste”. E de vez em quando os jornais natalenses me tratavam carinhosamente por esse apelido. Tudo isso devo a “Natal de antigamente”. Foi também a primeira música criada por Glorinha com uma magistral interpretação.

O GALO – Você calcula que já fez quantas composições?

C. E. – Sem exagero nenhum, já vai para 400 composições, e esse número ainda é provisório porque estou sempre compondo. Tenho produzido muito ultimamente e com novos parceiros, como Diógenes da Cunha Lima, Ney Leandro de Castro, o senador e poeta Ronaldo Cunha Lima, de quem musiquei um poema muito bonito intitulado “Dentro do meu silêncio”. Com Eduardo Taufic fiz “New York, New York for ever”. Esta canção foi inspirada nos episódios trágicos do 11 de setembro de 2001, quando as torres gêmeas de Nova Iorque foram destruídas num atentado terrorista. Fiquei tão ferido com aquilo que acho que fiz essa canção na madrugada do dia 24 daquele mesmo mês, ou seja, 13 dias depois dos atentados. A versão para o inglês é de Bergenaldo Wanderley e será lançada no meu novo disco. Meu tio Renato Caldas também é outro parceiro com quem fiz muitas canções. Roberto Ney de Souza, José Queiroz, Guaracy Augusto Picado são outros parceiros queridos com quem tenho trabalhado. Infelizmente, perdi um parceiro muito querido, José Cabral, de quem estou gravando algumas músicas.

O GALO – Você tem projetos para novas parcerias?

C. E. – Com certeza! Infelizmente Bergenaldo Wanderley ainda não é meu parceiro, mas espero torná-lo meu parceiro em breve. Por ora, consegui fazê-lo meu intérprete, meu Assistente de Produção, porque ele é um cantor e intérprete extraordinário.

O GALO – Você acaba de dizer que Bergenaldo Wanderley ainda não é seu parceiro. Mas ele é o autor da versão de Nova Iorque infinita para o inglês, que ganhou o título de “New York, New York for ever”. Isso não é uma forma de parceria?

C. E. – Pela legislação do direito autoral, os versionistas recebem direito autoral sobre a obra, mas não são considerados parceiros.

O GALO – Qual é a sua música preferida?

C. E. – Não consigo decidir qual seria essa música. Acho que é a que estou curtindo mais no momento. E essa música hoje é “Pedacos de nós”, que fiz de improviso no estúdio da Promidia e está no CD “Chico Elion - canções e amigos”.

Algum compositor influenciou sua música?

C. E. – Dorival Caymmi me influenciou. Sua canção “Canoeiro” me inspirou a fazer a música “A voz do rio”, em que homenageei sem saber os rios Açu e Potengi, nos versos: “Rio que corre no leito/, rio que corre pro mar/ uma canoa subindo/ e dentro dela vem vindo/, alguém que olha o luar”. A propósito, lembro do dia em que conheci Caymmi. Foi numa peixada na Praia do Meio, na companhia de Câmara Cascudo. Aí por volta de 1948 ou 49. Caymmi tinha vindo a Natal a convite dos Diários Associados para cantar na Rádio Poti. Mestre Cascudo era apaixonado pelas músicas dele e o havia convidado para um jantar. Também compareci, juntamente com Fernando Cascudo, filho de Cascudo e Presidente da SAE.

O GALO – Que impressão lhe causou de Caymmi?

C. E. – Fiquei profundamente agradecido a Deus por aquele encontro, porque eu já me identificava com a música de Caymmi muito antes de conhecê-lo. Caymmi era uma pessoa extrovertida, de fala fácil, risonho, deixava todo mundo à vontade. Não tinha estrelismo, como se dizia dos artistas pedantes. Ele ouviu com atenção minha música “A voz do rio” e comentou que ele tinha predileção especial pelo gênero da toada que eu explorara na minha música. Descobri que tinha algo em comum com o grande Dorival Caymmi e fiquei feliz com aquilo.

O GALO – Quando você descobriu que era músico?

C. E. – Foi no Baldum, um lugarejo perto de Açu. Eu estava com meus oito anos de idade. Meu pai foi convidado para comer uma galinha na casa de uma pessoal amiga, Melitina Ribeiro, e eu fui junto com ele, minha mãe e minha irmã Elionete (Nete). Lá descobri um baú que guardava um velho cavaquinho. Aí eu passei a tarde todinha agarrado com esse cavaquinho, num namoro danado, mas sem tocar nada. Aí eu falei a papai que queria “um negocinho daquele”. Claro que meu

avô Enéas da Silva Caldas já tocava violão, e seu filho Renato Caldas herdou sua musicalidade e sua poesia. Meu pai falou com um amigo dele, um marceneiro chamado Noé, e ele fez para mim um cavaquinho de cravelhas de madeira, artesanal. Tentei tocar mas não persisti, porque em seguida viemos para Natal e me dediquei aos estudos regulares. Era a época da guerra. Anos depois, ganhei de meu pai um bandolim, que ainda hoje possuo. Eu estava com 14 para 15 anos. Aí comecei a tocar e não parei mais. O cavaquinho é o instrumento do chorinho. Sou ainda um amante do chorinho, que é a grande música do Brasil.

O GALO – Como foi sua relação com Edinho, do Trio Irakitan?

C. E. – Edinho foi meu parceiro em “Moinho d’água”. Era uma pessoa muito espirituosa, a alegria em pessoa. Além do mais, era um músico intuitivo extraordinário. Começou imitando Bob Nelson, mas logo assumiu seu próprio estilo. Fomos alunos de Gil Barbosa, um músico paraibano que tocou na orquestra Tabajara de Severino Araújo e fez com Luiz Cordeiro “Mulata Rosinha”, canção até hoje muito cantada pelo pessoal do Clube dos Amantes da Boa Música, o Clambom. Eu o conheci na SAE por volta de 1948. Tem um fato curioso a respeito de Edinho: ele é o autor de uma música que toda Natal cantava nos anos 50, e que depois se perdeu. A música se chamava “Palmeira”, e foi feita em parceria com Carlos Alberto, um músico da banda de música da Base Aérea de Natal. Lembro o primeiro verso, que era assim: “Palmeira, à beira mar/ sob a luz do luar/ fazendo

sombra no chão// Ao longe,/ um violino tocando/ dois corações se amando/ numa ânsia febril”. Essa canção se cantava nas serenatas para as meninas da Escola Doméstica. Com o consentimento, é evidente, de dona Noilde Ramalho.

O GALO – E como foi sua relação com o Trio Irakitan?

C. E. – Sempre tive uma excelente relação com o Trio Irakitan, principalmente pelos laços que me ligavam a Edinho e a Gilvan Bezerril. Essa amizade, que começou na SAE, até hoje perdura com Gilvan, que é o único remanescente da formação original do trio”.

O GALO – Como é seu método de composição?

C. E. – Sou um compositor muito intuitivo. “Ranchinho de paia” ficou pronta em menos de meia hora, do mesmo modo que outras composições. Em compensação, “Cafuné” me tomou trinta anos! Mas foi um caso único, um pedido que me fez o musicista Dilu Melo.

O GALO – Você chegou a estudar teoria musical?

C. E. – Sim. Cheguei a estudar um pouco de teoria musical no Açu com mestre Façanha, regente da banda de escoteiros. Meu instrumento era a tuba, e para um menino franzino como eu era, esse era um instrumento bem exótico. Mas aí veio a guerra e nos mudamos para Natal e acabaram-se meus estudos musicais. Duraram menos de um ano. Por isso, me considero um autodidata musical, pois não escrevo as minhas partituras. Mas modéstia à parte, tenho uma felicidade melódica muito grande, segundo o testemunho isento dos maestros Nel-



Chico Elion fez muitos amigos no meio artístico nacional. o cantor Miltoninho (ao centro) é um deles. À direita, Ana Maria, cantora, musa e companheira de vida e de música de Elion



Um flagrante inesquecível para Chico Elion: o dia em que conheceu Chico Buarque, durante o intervalo de um show do compositor carioca no América, em 1979. Ao centro, o amigo e parceiro Leocádio Araújo

son Ferreira e Guio de Moraes.

O GALO – Você também foi fundador e presidente da Ordem dos Músicos do Brasil, seção RN, na década de 1960. Que lembranças você guarda dessa experiência?

C. E. – Foi importantíssimo para mim dirigir o Conselho Regional da OMB/RN, porque me deu a oportunidade de viajar, ter contato com outros músicos, como os maestros Guerra Peixe, Senival Bezerra, (Senô) Avelino Faustino da Costa, maestro José Zimbres, Osvaldo D'Amore, Chiquinho do Acordeon, Marlos Nobre, Julio Granado, entre outros. Através da OMB pude participar da 1ª Conferência Continental de Direito Autoral e 1º Congresso Brasileiro de Direito Autoral, que aconteceram em São Paulo, em 1977 quando discutimos muitas questões importantes ligadas à música de todo o mundo.

O GALO – Você tem recebido regularmente direitos autorais sobre suas composições?

C. E. – Não, recebo migalhas, mesmo que a música seja executado por mês uma 200 vezes nas emissoras de rádio de todo o país, como “Ranchinho de paia”. Basta dizer que foi gravada por Luiz Gonzaga, o que já é suficiente para imortalizar uma canção. Mas “Ranchinho de paia” teve gravações memoráveis de Gilliard, de Rinaldo Calheiros, do Trio Irakitan, de Carlinhos Polidoro, de Ivanildo do Sax de Ouro, de Liz Nôga, de Joãozinho dos Teclados, de Maguila, de Dorgival, e do fabuloso Waldonis, afilhado de Luiz Gonzaga e Dominginho.

O GALO – Como você vê a situação do músico profissional no Rio Grande do Norte?

C. E. – O músico está mais qualificado, mas continua muito mal pago, recebendo hoje de 50 a 100 reais para tocar numa festa. Não dá para viver. Isso é falta de respeito ao músico. Há até um dito antigo que diz: “Acabada a festa, músicos a pontapés”. Esse dito continua atual, exceto para aqueles músicos de renome. Por isso, recomendo que o músico potiguar procure se valorizar e não venda o seu trabalho a qualquer

preço, porque se ele rebaixa o valor do seu trabalho, ninguém vai dar valor a ele nem à sua música.

O GALO – E a música potiguar, como está?

C. E. – Há muitas experiências em curso, mas ainda precisam de depuração. Por outro lado, há coisas positivas, como a orquestra sinfônica do Estado, e escolas para formação de músicos na Zona Norte. Mas são iniciativas isoladas que precisam se multiplicar para absorver os muitos talentos que correm o risco de se perder na exaustão do trabalho desgastante dos bares e das casas noturnas. Outra coisa positiva para a memória da música norte-rio-grandense, foi o lançamento do “Dicionário da Música do Rio Grande do Norte”, de Leide Câmara, e do livro “Tributo aos conjuntos vocais do Rio Grande do Norte”, de Manoel Procópio Moura Jr. São obras de valor inestimável para a preservação não só da nossa memória musical, mas da nossa cultura.

O GALO – Você é um criador de melodias famosas, como “Ranchinho de paia”, “Moinho d’água” “O passarinho” etc. Fala-se em crise de melodia nas músicas de hoje. Você concorda?

C. E. – Concordo, profundamente. Porque a música de laboratório é uma música que não tem inspiração. Com teclado, computador, sintetizador se consegue fazer muita melodia, mas sem qualidade. Falta espontaneidade, inspiração. E inspiração é coisa muito fugaz, se você não agarrar logo, ela foge.

O GALO – Você admite alguma exceção?

C. E. – O Brasil sempre teve grandes melodistas, como Ari Barroso, Tom Jobim, Braguinha, Eduardo Duzek, Taiguara, Edu Lobo, Chico Buarque. Na música natalense, o “papa da melodia”, para mim, é Hianto de Almeida. E Hianto não é só um grande compositor natalense, é um grande compositor brasileiro e do mundo, um precursor da bossa nova, também. Em Natal, temos também bons melodistas, como Eduardo Taufic, Chagas Nobre, meu filho, e o Paulo Tito, que é também um grande arranjador; temos ainda Fábio Fernandes, um compositor jovem que Natal precisa ouvir com atenção, e o cantar romântico e meu parceiro Guaracy Picado.

O GALO – O que é preciso fazer para a música potiguar se destacar mais lá fora?

C. E. – Divulgar o trabalho de todos os valores de nossa terra massificando, como faz a Bahia, divulgando nas FMs e nos canais de televisão, nas praças e nas salas dos teatros. Para isso, tem de existir o apoio dos políticos e empresários prestigiando os compositores, os cantores, os músicos, enfim todas aquelas pessoas que lidam direta ou indiretamente nessa área. Nossa música precisa ser ouvida com mais atenção para ter tempo de ser descoberta pelo público. Isso é uma coisa séria porque é no seu canto que um povo mostra uma parte muito importante de sua cultura.



“Com teclado, computador, sintetizador se consegue fazer muita melodia, mas sem qualidade. Falta espontaneidade, inspiração”.

O GALO – Que projetos você pretende executar nos próximos anos?

C. E. – A prioridade é criar a Fundação Cultural Chico Elion, que não se limitará a cuidar apenas do meu acervo musical, mas será uma instituição de cunho filantrópico que incentivará não só os valores musicais, mas culturais de modo geral. Não vamos esquecer a terceira idade, que merecerá uma atenção especial da nossa fundação

ARGENTINA, TEUS POETAS ...

Antônio Lisboa de Oliveira

Jorge Luiz Borges clama ao seu
Cristo crucificado; Aldo Pellegrini tira a
Máscara da meia-noite e chora enquanto
Juan José Ceseli *Toca violino* Maria esperando
A visita de Henrique Molina na esperança de uma
Maré Alta. Carlos Latorre lembra *A outra era* com
Manuel J. Castila afirmando *Esta terra é bonita* ou ouvir o
Canto dos pássaros e o coaxar do *Sapo* de Carlos Alberto
Debole. Triste lamenta Atílio Jorge Castelpoggi o *Destino*
do *Eco*, *As sombras* de Edgar Bayley, belo *Poeta na cidade*.
Olga Orosco sente o *Lamento de Jones* que Roberto Juarroz do
40 resumiu. Teu trem descarrilhou, diz *O feitiço natal* de Francisco
Madriaga, que Rual Gustavo Aguirre viu *Por último*, confirmado no grito
de Ruben Vela: triste *AMÉRICA!!!* Por outro lado, Alfredo Vieira Vé grafita
no muro azul sangue *Poema com a cor local*; aos olhos de Leonidas G. Lamborghini
a economia em fragmentos vai nas *Dez cenas do paciente* e ouve nos ares o som – *Cavalo*
é burro e a *Vaca é estudiosa*, de Maria Helena Walsh. Já Juan Gelman não suporta a solidão
do seu exílio quando se vê *Ancorado em Paris*; recorda *Com teu olho saliente*
de Frederico Gorbea que *Certa manhã*, de Juan José
Hernandez, remete aos tempos idos da
Infância de Alejandra Pizarnik.

... CHORAM.

Um personagem

Hudson Paulo Costa

É difícil trazer à tona um personagem informe, mergulhado no mais profundo poço do esquecimento. Alguém que quis por si mesmo afastar-se do mundo, num auto-exílio em que os contatos humanos espelham-se no mais breve toque de um olhar fugidio. Alguém sombriamente habitando os becos, as vielas sordidas, os hotéis decadentes, os bares eleitos pelos sem destino; emigrando dos desvãos da alma e das fronteiras da loucura. Um personagem procurado por muitos autores tentando moldá-lo num plano tangível, como se numa tela de múltiplas perspectivas. Um personagem que tivesse trilhado pelos delírios de Dostoiévsky caído numa crise epiléptica nas ruas geladas de Petersburgo, ou pela imagética de Poe bêbado, olhando para os olhos sonolentos de um gato espreguiçando-se no anoitecer de um cais de porto em New York.

Mas ele existiu. Eu o vejo pagando a conta do aluguel atrasado, fortuitamente saindo de casa num horário inusitado, gestos esquivos de quem evita o contágio de uma doença fatal. Os curiosos perguntavam-me se eu o conhecia. Cinco anos após sua mudança ninguém conseguira ainda informações que pudessem identificar de alguma maneira quem era, de onde vinha e o que fazia de sua vida trancada o dia inteiro dentro de casa.

Fingi não demonstrar nenhum interesse pelo estranho. Os vizinhos apontavam-no como um seqüestrador, um assassino foragido, um traficante de drogas, um maníaco sexual e outras qualificações da marginalidade. A todas insinuações eu acrescentava mais uma, reforçando a possibilidade de alguma forma a mais de anomalia comportamental.

Os seus olhos pareciam transfigurados ao aproximar-se do entardecer. Pouco o víamos, mas cada vez mais parecia outro acrescentado de caracteres vindos do mundo das trevas. A sua presença incomodava como a de um lobo passeando distraidamente entre ovelhas. Seu José, militar aposentado, fizera conjecturas de o desconhecido ser um terrorista preparando um atentado que poderia abalar a vida do bairro. Pouco a pouco fui sendo tomado por um clima de apreensão.

Os mais corajosos tentavam um tímido assédio com um aceno de mão ou um bom dia pigarreado em tom de boa educação, mas ecoando num silêncio como resposta.

Numa época em que todos os tipo de privacidade são expostos ao público como forma de espetáculo, o segredo daquele tipo não poderia continuar imune. Todos os postos de sentinela foram acionados para a grande causa, tendo cada um obtido uma parcela valiosa de dados, que após depurados deixava intacto o segredo da identidade do suposto delinqüente.

Silvia, uma formosa morena de muitas praias e luzes de boates,



tentara com seus belos olhos e corpo torneado, capaz de abalar um santo, um jeito de atraí-lo para um pouco de conversa. Nenhum sucesso.

Aos poucos acostumaram-se ao indecifrável segredo do misantropo, conformados a impressões maquinadas pelos mais refinados cérebros, pelos mais experientes conhecedores da vida.

Finalmente um dia descobriram a sua identidade enigmática. Enforcado, pendurado numa corda, deixara uma grande quantidade de poesias manuscritas, espalhadas pelo chão do quarto. Todos ficaram atônitos com a inesperada revelação. Um poeta! A quantidade daria para editar vários livros. Dentre as duas mil seiscentos e cinquenta poesias não havia uma que o tema e o título não fosse a palavra "amor". Após o escrutínio

de um crítico sua poesia foi considerada de pouca qualidade. Difícilmente uma palavra deixará de ser aquilo do qual pensamos dizer algo que nunca conseguimos dizer. Todos os manuscritos foram entregues juntos com seus pertences a uns parentes que residiam no interior da Paraíba.

No seu quarto pouca mobília, uma estante com muitos livros. Uma vitrola antiga com discos de Bach. Algumas reproduções de Salvador Dalí na parede. Muito asseio no banheiro e demais dependências da casa.

O jornal editou a notícia com sua foto e estes dados: "Foi encontrado morto em sua residência o funcionário aposentado da prefeitura, Antônio Ferreira Nobre, 55 anos, solteiro, natural de Catolé do Rocha, Paraíba. Enforcou-se em uma corda que amarrou numa linha do teto da casa, tendo subido numa cadeira sobreposta a outra e se jogado. O suicida morava em Parnamirim, na rua Nossa Senhora da Conceição, nº. 1033. A doméstica Severina Dantas de Lima, ao chegar para fazer seu trabalho de faxina, na quinta feira do dia 12 encontrou o corpo".

Eu tinha feito amizade com Severina quando comprávamos pão na padaria do bairro. Ela trabalhou durante muito tempo para Antônio. Ela contou-me um detalhe que parecia ser insignificante para a apuração do motivo do suicídio e pediu-me para que eu nunca falasse a ninguém. Este detalhe não saiu no jornal e nunca sairá. Ao encontrar Antônio pendurado na corda, aproximou-se dele não muito surpresa de vê-lo morto e recolheu do bolso da sua camisa um papel em que havia estas palavras escritas por ele:

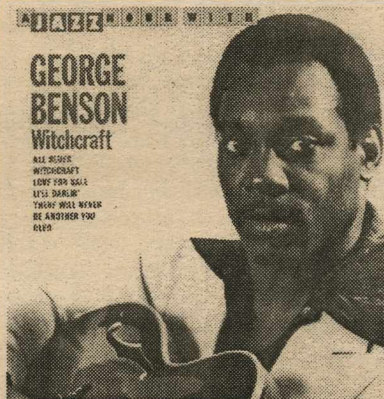
"Sempre senti-me personagem de uma história que nunca poderia deixar de terminar assim".

Antônio.

Ela deu-me o papel como uma lembrança que eu logo perdi.

Hudson Paulo Costa, norte-rio-grandense, é historiador e contista

De como falar de blues



George Benson, Duke Ellington e Ella Fitzgerald são três nomes que concorreram, entre tantos outros, para diversificar a linguagem do blues e expandi-lo como forma musical apreciada em todo o mundo

José Delfino

Dedicado a Ugo Renato, o "jazzófilo" tupiniquim, que sabe das coisas ...

Certa vez Duke Ellington disse que jazz é a liberdade de possuir muitas formas. Uma delas é o blues, um gênero musical bem determinado e acabado de onde partem diferentes modelos de estilo.

Do ponto de vista técnico é, na maioria das vezes, uma peça composta de estrofes de doze compassos, subdivididos em três grupos de quatro compassos ternários, sendo o segundo uma repetição diferente do primeiro e o terceiro uma figura de arremate.

Do ponto de vista harmônico, esses compassos estão organizados em forma de cadência simples: quatro compassos sobre a tônica, dois sobre a subdominante, mais dois sobre a tônica e finalmente dois sobre a dominante e dois sobre a tônica.

Tais fórmulas têm a vantagem de fornecer um conceito matemático, preciso, mas subestimam um grande número de canções afro-americanas que se situam fora da regra, apesar de pertencerem a tradição do blues.

Como o próprio nome "blues" sugere, é um som triste que assume a sua posição intimista no plano existencial e místico; daí alguns autores enquadrá-lo como uma consequência natural do "Spiritual", com fonte adicional de inspiração as técnicas dos pregadores religiosos e dos cantores de "Gospel".

Outros pensam o contrário: o blues nada tem a ver com sentimento de melancolia ou tristeza. Defendem que foram os hábitos musicais europeus que forçaram a caracterização. Com razão, até certo ponto, pois as "blues notes" remontam às

práticas musicais da África não representando necessariamente o espírito melancólico e sim o indicativo de perturbação e grande emoção.

Infere-se daí um possível mal entendido de conteúdo, reforçado por outro de ordem lingüística. O que, aliás, é fácil de entender: a linha do blues é, quase sempre, o relato de experiências amargas, não reprimidas e expostas de forma realista.

"To be blue", apesar de significar "estar triste" em Inglês corrente, no jargão afro-americano assume caráter mais abrangente.

Como linguagem falada, ele estabelece a sua própria gramática, a sua sintaxe, de maneira que as suas palavras e frases tristes todos percebem, mesmo que de maneira superficial.

Em algumas situações, a conotação depressiva é clara quando, por exemplo, Billie Holiday fulmina: "Am I blue, am I blue, ain't these tears in my eyes telling you ..."

É evidente que não se pode analisá-lo como uma forma de interpretação surgida ao acaso. Quase todas as peças refletem, em princípio, o caráter da sociedade, a experiência de vida, a realidade humana em seus múltiplos aspectos.

É um gênero musical relacionado, mais do que nunca, ao trágico. Pelo menos, quando aferido à luz do perfil emocional de muitos dos seus intérpretes. As biografias de Billie Holiday, Woody Herman, Jimi Hendrix, Bessie Smith, Janis Joplin, Eric Clapton, são de uma evidência inquestionável.

A evolução do jazz - até mesmo do rock - seria inconcebível sem o embasamento no blues, onde ele sempre aparece nas entrelinhas. É sintoma



Ella Fitzgerald destacou-se como intérprete de Gershwin e de Cole Porter

mática a afirmação do guitarrista Inglês Eric Clapton : - "... e o rock é como uma bateria que para ser recarregada obrigasse a gente a voltar ao blues de tempos em tempos".

Apesar do blues estar bem mais próximo das formas de expressão da música popular negra e ter sido difundido para atingir o público afro-americano, é na sua fusão com a música popular do branco onde se localiza um dos seus aspectos mais interessantes.

A partir do momento em que ele passou a ser explorado comercialmente pelo branco, criou-se um impasse. Passou-se a viver uma situação, no mínimo, ambivalente. Por um lado, condicionada à imposição do "marketing" e por outro, pelo abastardamento do veículo de comunicação das experiências relativas às condições de vida da população negra.

De qualquer maneira, o signo do blues vem exercendo empatia e influência em músicos de gerações mais recentes.

Os primeiros discos de Elvis Presley, 78 rotações em cêra, costumavam apresentar de um lado um blues, do outro um "country". Um dos seus primeiros sucessos - "That's all right" foi um blues de Arthur "Big boy" Crudup.

Jimi Hendrix, que começou como músico de blues, cada vez mais tocava o "blues puro" nas suas últimas apresentações.

Os Rolling Stones tiveram um de seus maiores sucessos - "Little Red Rooster" - pinçado de um "bolachão" do bluesman Chester Burnett.

A primeira gravação de "hard bop" que serviu para reativar as tradições musicais negras foi, talvez por coincidência, o blues "Walking" de Miles Davis.

Larry Coryell, também guitarrista de blues em início de carreira, ousando tornar mais flexível a entoação do instrumento com amplificação eletrônica (pela primeira vez no jazz) foi buscar influência em T-Bone Walker.

Bob Dylan, em uma de suas primeiras gravações, acompanhou "Big Joe" Williams na gaita.

O carro-chefe do primeiro "long playing" da banda "Jefferson Airplane" foi um blues de Memphis Minnie de 1941.

A adoração de Janis Joplin por Bessie Smith é bastante conhecida.

Nem os Beatles escaparam ! A afirmação é de Erick Burdon: - "Explicar como os Beatles chegaram a esse som? É simples. Da mesma forma que eu e muitos amigos meus, eles acompanharam a cena musical norte-americana de maneira quase fanática".

Na versão personalíssima do seu "The Blues", Mary Lou Williams - a freirinha, preta diga-se de passagem, que largou o hábito a tempo para tocar blues em tempo integral e dedicação exclusiva, diz tudo:

"The Blues, long time we've paid our dues
Born from misery and pain
Heart and soul aflame ...
... Technology is where some folks want to be.
But feeling's what it's all about ...
Playing in or playing out
... You ain't played nothing, till you've played the blues".

Pois é: o blues é, sem dúvida, o retrato fiel da cultura do proletariado afro-americano e a expressão mais exata da cor da sua pele. E como tal deveria ser encarado.

Assim seja ...

José Delfino, norte-rio-grandense, é musicólogo e crítico de música.

LIVROS / Lançamentos

NELSON PATRIOTA

CRÍTICA

Edição do Sebo Vermelho
Natal, RN
2002

Nesta segunda edição revista e aumentada de "Salvados", o pesquisador Manoel Onofre Jr. ampliou significativamente o horizonte do trabalho anterior que publicara sob o mesmo nome. Além disso, o rigor documental foi beneficiado com a adição de novas inserções bibliográficas, colocadas ao fim de cada nome estudado e a inserção de um índice onomástico ao final do livro, atualizando a obra com os padrões das normas mais modernas de editoração nesse gênero de publicação. Alguns autores são beneficiados também com a citação integral de poemas, como Lourival Açucena, Henrique Castriçano, Virgílio Trindade, poeta este, aliás, que Onofre Jr. considera injustamente esquecido e para quem chama a atenção, publicando dois sonetos seus e que o revelam, de fato, hábil sonetista. Com todas as novidades, se "Salvados" já era uma obra de rico significativo bibliográfico, torna-se agora de valor inestimável para consulta sobre os principais nomes da literatura potiguar. Livros mais recentes, como os de Bené Chaves, Nilson Patriota e José Melquíades, são avaliados e comentados com o habitual discernimento crítico do autor que revela, assim, sua preocupação em não abstrair da sua esfera de interesse nada que seja relevante para a compreensão da nossa literatura.



POESIA

Fundação José Augusto
Natal, RN
2002

Este volume enfeixa treze poetas que foram premiados no I Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães, promovido no ano passado pela Fundação José Augusto. São 30 poemas correspondentes aos três primeiros lugares: Karina Grace Ferreira de Oliveira, Jeanne de Araújo Silva e Araújo e Ana Paula de Oliveira Pereira, respectivamente, e mais 19 poemas correspondentes a dez menções honrosas: José Gaudêncio Torquato, Wagner Clemente Soto, Luísa de Góes Andrade Costa, Francisco Canindé da Silva, Manoel Bezerra da Silva Júnior, Amanda Pauxis Ferreira Costa, Daiany Ferreira Dantas, Sebastião Cavalcanti Silva e Marcos Aurélio Felipe. Todos estão presentes no livro com dois poemas, com exceção de Marcos Aurélio Felipe, que concorreu com apenas um poema. A comissão julgadora do concurso foi formada pelo professor Humberto Hermenegildo de Araújo e pelos jornalistas Carlos de Souza e Nelson Patriota. A apresentação de «13 poetas novos» é também assinada por Nelson Patriota, o qual presidiu a respectiva comissão.



HISTÓRIA

Edição do autor
Natal, RN
2002

Resultado de exaustiva pesquisa sobre a história urbana da cidade do Natal, "Caminhos de Natal", de Jeanne Fonseca Leite Nesi, é bússola e guia para quem deseje conhecer melhor a história íntima dessa cidade quatrocentona. O ponto de partida da pesquisa é a chamada Zona Especial de Preservação Histórica de Natal, que compreendendo os bairros da Ribeira e da Cidade Alta e onde concentra-se a maioria dos prédios dotados de importância histórica, arquitetônica, artística e cultural da cidade. A pesquisa corresponde a um período de análise que se inicia em 1599, ano de fundação da cidade, e que chega até os dias de hoje. São 39 logradouros públicos, entre ruas, calçadas, praças e avenidas que renascem do tempo pelo milagre da pesquisa para contarem sua gênese ao longo desses 400 anos de história! Complementam o livro de Jeanne Nezi ilustrações de Dorian Gray Caldas, um prefácio de Diógenes da Cunha Lima e dois mapas - o primeiro correspondendo à localização dos logradouros pesquisados, e, o segundo, mostrando o traçado urbano da Natal de 1984. Obra, portanto, indispensável ao conhecimento da capital natalense e que faz jus ao nome de resgate histórico.



Correio d'O Galo

Vareiz, (França) 10 de junho de 2002

Caríssimos amigos de O Galo,
Vocês publicaram no número 3 de março 2002, sob a assinatura de Lillian P. de Lima, um artigo intitulado "O morar em Canudos", que me tocou profundamente.

A história de Canudos, quando eu a descobri, há sete anos, por um artigo de Frédéric Pagès na revista Telérama, abalou-me. E não tenho cessado de mencionar-lhe o traçado, à maneira dos antigos poemas épicos.

Vejo nela a concretização de um velho sonho humanista, aquele do monge dominicano calabrés Campanella, do grande chanceler da Inglaterra Thomas Morus, que haviam descrito a cidade bíblica ideal de Utopia, onde todos viviam em uma fraternidade verdadeira, sem senhor, sem dinheiro, sem bens materiais.

Era, bem entendido, um exemplo perigoso num estado que se constituía essa sociedade que pretendia existir por ela mesma e para ela mesma, livre de qualquer obrigação com o mundo circundante.

Mas o que quer que tenha sido essa extraordinária aventura, aparece-me como um magistral paradigma daquilo que pode um povo guiado por sua fé e seu desejo de liberdade, que erguera uma cidade e que fizera florescer o deserto.

As conseqüências foram terríveis. Elas impressionaram-me vivamente. Sonho com Canudos como com um paraíso perdido.

Eis então o texto épico - que a história de Canudos inspirou-me. Nele misturo meus próprios sentimentos de admiração e de dor. Vivi, verdadeiramente, esse drama em mim.

E quis dar-lhe uma dimensão artística suplementar, pedindo a meu neto, Jean-Philippe Bernier, músico, para compor uma obra musical na qual se inscreva o texto falado. Ela já o fez.

A título puramente técnico, indico que meus versos se fundam na base de 3, o que permite que eles sejam pares ou ímpares soando sempre justo ao ouvido.

Era isso, caríssimos amigos de O Galo, o que eu lhes queria dizer.

Criem na minha sincera amizade e aceitem meus respeitosos sentimentos.

Henri Bernier

P.S. Logo que o CD fique pronto, farei que ele chegue até vocês.

Em 1952 saiu na França, com a assinatura de Lucien Marchal no "La Gazette des Lettres" das edições Plon, uma obra intitulada "Le Mage de Sertão" (O Mago do Sertão), a qual adquiri por ocasião de uma feira de livros recente. Trata-se de um romance inspirado pela história de Canudos. Parece-me muito distante, nos detalhes, dos acontecimentos reais.

(Tradução de Nelson Patriota).

Goianinha, RN, 20 de junho de 2002

Ilmos. Srs.
Nelson Patriota e Tácito Costa

MDs Editor e Redator
Jornal O GALO
Rua Jundiá 641, Tirol
Natal - RN

Prezados Senhores,

Não se encontra em semelhantes jornais do segmento de O GALO leituras que objetivem a essência e a propriedade literária que o pertença, em qualificação, sem medo de injustiça, ele é o único. É uma verdadeira viagem entre o filosófico e o natural, entre o poético e a crônica, que deliciam os olhos e amaciam o ego dos seus leitores; diria ainda é o completo, muito embora as visões dos críticos, estes exigentes, ainda definam, "o completo" como uma tapeçaria inacabada, e ainda que acabada os seus componentes geométricos se apresentam como disformes.

Tenho tido, nos últimos meses, a enorme e prazerosa oportunidade, por que não dizer, o grande privilégio de acalantar as minhas noites embaladas pelos sossego de refletir as inúmeras crônicas e poesias estampadas em O GALO, o que tem contribuído enormemente para um grande aprofundamento de aprimoramento das aulas filosóficas das teorias conceitualistas adquiridas nos bancos da faculdade de filosofia.

Nada mais justo e muito mais que coerente que me utilize deste veículo para agradecer-lhe por este privilégio dirigido a mim e a tantos outros leitores que além de amantes do seu grande conteúdo se constituem em felizes adquirentes do conhecimento repassado por este grande distribuidor de cultura da nossa nação potiguar.

Junto à presente, a título de colaboração se assim for entendido, uma das minhas poesias para publicação neste grande jornal, o que me dará, indubitavelmente, muita honra e alegria de participar como colaborador deste veículo cultural.

Agradeço esta oportunidade e dela faço o ensejo para afirmar o meu respeito, consideração e admiração por todos que fazem parte de tão nobre fonte de cultura - O GALO.

Atenciosamente,
José Augusto Ribeiro,
Poeta e bacharel em Filosofia

Rio de Janeiro, 27 de junho de 2002

Prezado confrade Nelson Patriota:

Escrevo-lhe para agradecer a remessa de O GALO de abril p.f., que li com o agrado de sempre. Devo distinguir, por questão pessoal, três matérias que ando a comentar com os companheiros de ofício - jornalismo literário -, sem nenhum desaire para outras que deixo de citar. São elas: «Modernismo - a importância da imprensa», de Anchieta Fernandes, «Navegante navegado», de Luiza Nóbrega, e «Três versões de um poema de Whitman». Todas valem por uma festa - como se dizia outrora. Parabéns aos responsáveis pelo O GALO e a todos os seus colaboradores. Aguardo os próximos números!

Cordialmente,
Fernando Segismundo,
Associação Brasileira de Imprensa do RS



O jornalista Nelson Patriota assina o termo de posse como membro do Conselho Estadual de Cultura, fato sucedido no dia 3 de maio último, na vacância da cadeira ocupada pelo escritor Alvarado Furtado. À direita, a diretora do CEC, Zilda Lopes; de pé, a secretária Ana Galiza e à esquerda, o escritor e conselheiro Jurandir Navarro. (Foto de Clóvis Tinoco).

Um poema de Pier Paolo Pasolini

UMA DESESPERADA VITALIDADE

“Quanto ao futuro, escuta:
seus filhos fascistas
velejarão
para os mundos da nova Pré-História.
Eu estarei lá,
como aquele que
espera
às margens do mar
no qual recomeça a vida.
Só, ou quase, no velho litoral
entre ruínas de antigas civilizações,
Ravena
Óstia, ou Bombaim - é igual -
com Deuses que se descascam, problemas velhos
- como a luta de classe -
que
se dissolvem...
Como um guerrilheiro
morto antes do maio de '45,
começarei aos poucos a me decompor,
na luz dilacerante daquele mar,
poeta e cidadão esquecido.”

(Do livro *Poesia in forma di rosa*)

UNA DISPERATA VITALITÀ

“Quanto al futuro, ascolti:
i suoi figli fascisti
veleggeranno
verso i mondi della Nuova Preistoria.
Io me ne starò là,
come colui che
aspetta
sulle rive del mare
in cui ricomincia la vita.
Solo, o quasi, sul vecchio litorale
Tra ruderi di antiche civiltà,
Ravenna
Ostia o Bombay - è uguale -
con Dei che si scrostano, problemi vecchi
- quale la lotta di classe -
che
si dissolvono...
Come un partigiano
morto prima del maggio del '45,
comincerò piano piano a decompormi,
nella luce straziante di quel mare,
poeta e cittadino dimenticato.”

(Tradução de Franco M. Jasiello)